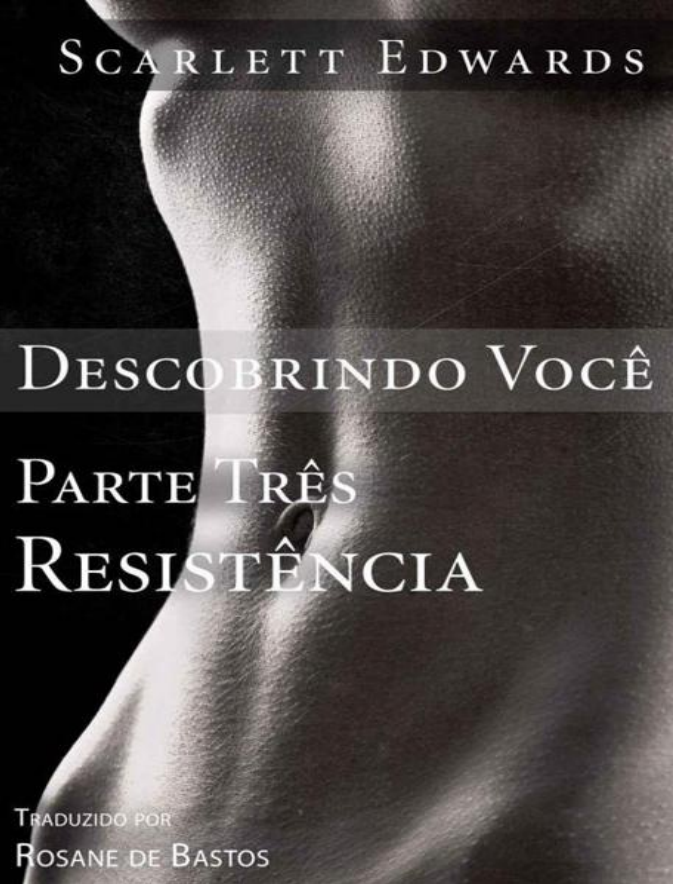




SCARLETT EDWARDS

DESCOBRINDO VOCÊ

PARTE TRÊS

RESISTÊNCIA

TRADUZIDO POR

ROSANE DE BASTOS



Este livro é uma obra de ficção.

Todos os nomes, personagens, lugares e acontecimentos são frutos da imaginação da autora ou foram usados ficcionalmente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, locais ou eventos, é mera coincidência.

DESCOBRINDO VOCÊ

#3: RESISTÊNCIA

Direitos autorais © 2014 Edwards

Publishing, Ltda.

Todos os direitos reservados.

Editado por Gail Lennon.

Capa de Scarlett Edwards.

Ilustrações de Scarlett Edwards.

Publicado por Edwards Publishing,
Ltda.

Edwards Publishing

477 Peace Portal Drive

Suite 107-154

Blaine, WA 98230

A cópia eletrônica, a digitalização e a distribuição deste livro, em qualquer forma ou sob qualquer meio ---, inclusive, mas não apenas limitado a meio eletrônico, mecânico, fotocópia, gravação ou outra forma ---, sem a permissão do detentor dos direitos autorais, são ilegais e estão sujeitas às

penalidades da lei. Por favor, compre apenas edições autorizadas desta obra e não colabore nem encoraje a pirataria eletrônica de materiais protegidos por direitos autorais. Seu apoio à obra do autor é muito estimado.

ISBN: 978-0-9937370-3-9

Descobrindo Você 3:

Resistência

por Scarlett Edwards

Edwards Publishing

Descrição do

Livro:

Jeremy Stonehart é um homem cruel e vingativo. Ele quer que eu me renda. Ele quer que eu admita a derrota.

Eu nunca vou parar de lutar. Nem vou me submeter. Não importa a que ele me sujeite, sempre lutarei. Não vou

esquecer a minha determinação.

Deixe Stonehart pensar que estou arruinada. Não sou facilmente desencorajada por isso. Seja a que for que ele me submeta, vou sempre me lembrar da minha força interior. Vou sempre me lembrar de que, no final, tenho controle sobre a única coisa que ele realmente quer:

Minha mente.

Nunca lhe darei o poder sobre a
minha mente.

Vou resistir.

—

Descobrimo Você 3: Resistência

contém cenas de intenso abuso físico e emocional. Leitores com sensibilidade a esse tipo de conteúdo são aconselhados a prosseguirem com cautela.

Sobre a série:

A história de *Descobrindo Você* se desdobra em múltiplos volumes de, aproximadamente, 125 páginas cada. Cada volume é uma história independente, com clímax e conclusão.

Os títulos da série *Descobrindo Você* são lançados, originalmente, em Inglês, a cada 20 dias.

Capítulo Um

Três dias.

Esse é o tempo em que fiquei presa
a essa cama.

Três dias.

Três dias como uma prisioneira num
colchão.

Eu quase posso dizer que eu
preferiria o chão. Pelo menos nele eu

tinha condição de me mover. Eu podia ficar de pé, caminhar, esticar minhas pernas.

Agora, tudo isso acabou.

Estou com muito medo de ir além do meu limite. Eu me lembro do círculo vermelho e pulsante que Stonehart me mostrou quando acordei aqui. Esse círculo percorreu os quatro cantos da cama.

Quando eu durmo, me enrolo como uma bola, bem apertada, no meio da cama. Tento não me mover.

É difícil.

Comecei a ter pesadelos. Todos eles giram em torno *dele*. Mas, nos meus sonhos, não posso ver sua face. Ela está envolta em sombras profundas.

Tudo o que vejo é a luz brilhante refletindo seus olhos escuros e cruéis.

Olhando para mim. Sempre olhando
para mim.

Eu sonho com cobras também. Não sei o porquê. Sonho com cobras se enroscando no meu corpo e limitando os meus movimentos. Eu sonho com serpentes deslizando pelo chão. Eu sonho com as presas se afundando em minha carne e—

Esses são sonhos dos quais eu acordo gritando. Na maior parte das

vezes, me vejo enrolada nos lençóis e molhada de suor. Meu coração está sempre disparado quando acordo. Meu primeiro pensamento aterrorizante é que tudo tinha se passado no espaço além da minha fronteira na casa.

Isso ainda não aconteceu. Graças a Deus. Mas eu estive bem perto.

Na segunda noite, acordei com meu rosto a apenas alguns centímetros do

limite. Eu gelei assim que vi quão perto estive de ativar a coleira.

Eu me lembro da adrenalina que percorreu meu corpo quando me dei conta de que eu tinha quase disparado a coleira.

Não vi Stonehart desde que ele me trouxe aqui. Nem mesmo tive algum tipo de comunicação da parte dele. Nem bilhetes. Nem mensagens.

Rose também esteve ausente.

Não sei por quanto tempo Stonehart pretende me manter presa nessa cama. Meu único consolo é que as cortinas não estão fechadas. Não fui deixada no escuro. Durante o dia, a luz do sol inunda o meu quarto. À noite, estrelas piscam em contraste com o mar escuro lá fora.

Mas hoje não. Uma tempestade está

se formando lá fora. Nuvens pesadas escondem o sol. A chuva cai contra a janela enorme.

Nunca vi o mar tão raivoso. Ondas maciças colidem com os penhascos abaixo de mim. Embora eu não possa ver a costa, às vezes tenho a sensação de que posso sentir as vibrações que as ondas emitem pela casa.

Todo dia sou despertada com uma bandeja pequena de comida, que é empurrada para a minha cama. Está sempre acompanhada de um penico limpo. A comida não é pior do que era antes de eu assinar o contrato.

Mas isso não quer dizer que não deixe a desejar.

Deve ser coisa da minha

imaginação, mas todo dia o carrinho de comida aparece um pouco mais longe de mim. Hoje tive que agarrá-lo com o meu pé e puxá-lo para mais perto. Eu quase o chutei para longe, por acidente.

Sei que agora há câmeras em volta da varanda. Não posso vê-las. Mas eu sei que elas estão todas lá, escondidas nas gretas do teto.

Não são as câmeras o que há de

pior. Não é estar confinada a essa cama que é o pior. É o não saber.

Não sei por mais quanto tempo estarei aqui.

Isso me assusta. Três dias não soam tão mal, mas o que acontece quando três se tornam sete? O que acontece quando uma semana se transforma em um mês? O que acontece quando um mês se transforma em... mais?

Há também um senso de injustiça. É um sentimento ridículo de se ter. Eu seria uma idiota se esperasse *justiça* de Stonehart. Mas o sentimento de injustiça está aqui, de qualquer jeito.

Eu não desrespeito as regras dele. Eu não deveria estar presa aqui.

A promessa de liberdade progressiva garantida pelos Prêmios de Bom Comportamento é a única coisa que

me sustenta até agora. Stonehart disse que os PBCs não podem ser tirados. Eu ganhei o suficiente para ter a permissão de entrar no restante da casa.

Claro que eu tive que ir e estragar as coisas no meu primeiro dia.

Eu ainda não sei o que me levou a pensar que era uma boa ideia me esgueirar pelo quarto dele. Pior do que isso: tenho ódio da culpa que sinto por

Stonehart ter me descoberto lá. Eu me sinto como se tivesse feito algo de errado. Minha culpa torna impossível pensar claramente sobre o assunto. Junte-se a isso a surpresa que tive quando o encontrei parado ali—era para ele estar viajando! Acrescente-se a isso o medo, pressionando as minhas vísceras, e você terá todos os ingredientes de uma situação desastrosa.

O pior de tudo foi a minha reação.

Eu me *fingi* de culpada porque pensei que ele tinha me achado no seu escritório. Ele disse algo com o seguinte teor: que o fato de eu ter *pensado* que tinha desrespeitado as regras impostas por ele significava que eu deveria ser punida como se realmente *tivesse* quebrado as regras.

Eu devo ter relembrado uma centena de vezes minha última interação com

Stonehart. Deixei que o meu medo de punição tomasse conta de mim quando estava com ele. Eu agi como uma pessoa amedrontada, como uma garotinha.

Isso tornou as coisas piores.

O que eu deveria ter feito, ou ter sido esperta o suficiente para fazer, era enfrentá-lo. Eu me lembro do momento que compartilhamos no elevador antes de todo esse pesadelo começar. Ou,

pelo menos, antes de eu *saber* que ele
tinha começado.

Estou certa de que eu já era o seu
alvo.

Ele me pediu para impressioná-lo.

Ele me queria para... para que foi mesmo que ele disse? Ah, ele queria a minha *mente*. Ele me perguntou o que eu achava da decisão dele de tornar públicas as Indústrias Stonehart.

Naquele momento, eu estraguei minha primeira impressão de forma tão desastrosa que pensei que não tinha nada

a perder. Eu me mantive ereta, eu o olhei nos olhos e disse a ele, corajosamente —exatamente—, o que eu pensava.

Eu me lembro da reação dele. Ele valorizava minha honestidade. Além do mais, creio eu, ele gostava do fato de eu ter me arranjado por minha conta. Eu não estava com cara de boba diante dele, como o conselho de administração da empresa.

Merda.

Eu me sento em linha reta na cama, tomada pela revelação. *Poderia ser isso?* Poderia ele *querer* que eu aja de forma valente e desafiadora? Ele me disse para chutar, lutar, enfrentar... Ele disse que isso o excita.

É isso que ele quer que eu seja? A mulher que pode desafiá-lo, mas sem vencê-lo?

Minha capacidade de compreender se embota. Tenho agido da maneira errada o tempo todo que estou nesse cativeiro! Estou quase certa de que é isso. Stonehart não quer me ver acovardar. Ele não quer me ver submissa.

Ele me quer desafiadora, autoconfiante e forte.

Não me estranha que ele tenha me

contado sobre a sua infância. Ele me alertou do perigo do que eu estava fazendo. Eu pensei que poderia enganá-lo, agindo como vencida. Eu pensei que era isso o que eu precisaria fazer para ele me desprezar e baixar a guarda.

Mas o comportamento teve, exatamente, um efeito contrário. Fez com que ele suspeitasse. Isso não o fez zombar quanto ao que ele sabia sobre mim.

Stonehart me disse como ele desenvolveu o gosto pela vingança. Ele disse que podia ver aquele mesmo traço nos outros.

Em resumo, ele estava me avisando que ele podia ver através dos meus atos.

Tenho que me lembrar de que ele é um negociante impiedoso. Ele não poderia ter chegado ao topo se não fosse frio e calculista. As Indústrias Stonehart

não poderiam ser uma das principais corporações privadas da América se não fossem conduzidas por um homem que não pudesse interpretar, compreender e manipular pessoas.

Essa deve ser a verdadeira razão por que ele está me castigando agora. Inferno! Ele é mesmo um homem que cumpre sua palavra. Ele me falou de suas regras:

“Regra Número Um”. A voz de Stonehart é cortante e pouco amigável. “Se você resistir, ou não cumprir com uma cláusula estabelecida no contrato, você sofrerá a consequência por mau comportamento”. A entonação de sua voz faz o som das palavras soar extremamente ameaçador.

“Regra Número Dois. Você está explicitamente proibida de qualquer

*forma de automutilação. Não vou ter
você”— ele zomba de mim, “—
prejudicando-se a si mesma.”*

*“Três. Você não está autorizada a
questionar os meus desejos. Perguntas
relacionadas à sua situação estão
proibidas”. Ele se ajoelha na minha
frente e eu sinto o seu perfume. Pensar
que isso já funcionou como afrodisíaco
é absurdo.*

“Regra Quatro”, Stonehart

prossegue, caminhando devagar pelo ambiente com as mãos para trás. “Sou um homem ocupado. Não é sempre que terei tempo para você. Entretanto, você não tem nenhuma outra responsabilidade a não ser me agradar. Espero que esteja sempre pronta para mim.”

Ele para e olha nos meus olhos.

“Você compreende? O tempo que crio para você é um privilégio. Trate como se fosse. Vista-se de acordo.”

Essas eram as regras dele. Ele me disse que, se eu as desrespeitasse, me deixaria no escuro.

Bem, não quebrei nenhuma das suas regras. E ele não me deixou no escuro. Eu posso estar presa nessa pequena ilha chamada cama mas, definitivamente, não

estou no escuro.

Ele não está me punindo porque ele me encontrou na sala de vigilância... mas porque ele *sabe* que eu estava tentando enganá-lo. Ele sabe que eu estava tentando agir como alguém que não sou.

Eu tenho que me defender dele. Dada a minha situação atual, é uma proposta assustadora. Mas tenho que

escolher o menor de dois males. Ou eu continuo tentando ser submissa, de acordo com o meu plano original, e espero que ele me subestime..., ou eu posso encontrar minha força de caráter novamente e agir como a mulher que eu realmente sou.

Eu pensei que ele queria me ver vencida. Mas se Stonehart é tão astuto como eu acho que ele é—não, astuto como eu *sei* que ele é—, então ele já foi

identificado no meio do ato. A melhor coisa a fazer agora—a única chance que eu realmente tenho—é ser eu mesma.

A única maneira de eu chegar a algum lugar é começar a agir como a pessoa que sou, ao invés de agir como a pessoa que eu acho que quero ser.

Ouçõ uma porta aberta atrás de mim. Eu me viro rapidamente. É a

primeira vez que alguém vem enquanto estou desperta.

Ouçõ passos contra o piso de mármore antes de eu ver quem é. Mesmo assim, sei de imediato que é ele. Há uma confiança no bater daqueles sapatos que pertence a alguém completamente à vontade e no controle de tudo o que o cerca.

Vejo Stonehart aparecer na entrada

e caminhar pelo restante da mansão.

Meu estômago se revira ao perceber a presença dele, mas não por medo.

Ele parece... bem. Há mais fios de barba crescendo na sua linha do queixo do que jamais vi. A expressão sombria ocupa o seu rosto. Seu cabelo muito negro está penteado para trás, como sempre, com uma pequena mecha meio lambida caindo sobre a testa.

Seus ombros estão jogados para trás, preenchendo a largura de sua jaqueta. Suas roupas são atraentes e usadas pela primeira vez, embora eu saiba, pela hora, que ele está apenas voltando do trabalho. Há um jeito particularmente arrogante na forma como ele anda e que nunca vi antes. Suponho que ele teve um dia de sucesso.

Meus olhos o seguem enquanto ele

caminha na minha direção. Os lábios dele se movimentam como se sorrisse.

“Olá, Lilly”, ele diz, suavemente.

Ele caminha em círculo ao redor da cama. “Você está adorável esta noite.”

Dou uma olhada rápida na minha roupa imunda e o encaro de volta. “Você está brincando. Há três dias eu não tomo banho.”

Ele inclina a cabeça para o lado e

franze os lábios. “Agora, de quem é a culpa?”

“Minha”, eu digo sem hesitação. E me certifico de olhar nos olhos dele enquanto falo.

Ele balança a cabeça. “Correto. Eu não aprecio fraqueza. Você é inteiramente responsável pela sua atual situação. Mas, ainda assim...” Os olhos dele se voltam para mim. “Há algo

bastante evocativo quanto a vê-la
assim.”

Eu me sento com mais cuidado:

“Você está aqui somente para me
cumprimentar?”, eu pergunto, “ou você
tem um propósito real?”

Desta vez, Stonehart ri. “Coragem e determinação”, ele observa. “Você estava esquecendo isso antes. Parece que esse período de isolamento fez bem a você.”

“Depende do seu ponto de vista”, digo docemente.

Ele levanta a sobrancelha. “Oh! E qual é seu ponto de vista quanto a isso, por favor me explique!”

“Isolamento me deu tempo para

pensar.”

“Huummm”, Stonehart ressoa.

“Bem, Lilly, desejo que tenha sido o tipo de pensamento que permitirá a você evitar situações parecidas no futuro”.

Ele se senta ao pé da cama e olha para mim. “Porque, para ser honesto...”, sua mão escorrega pela minha perna desnuda, “... senti saudade de você... aqui *de plantão*.”

Meus olhos se contraem de indignação. Movo minha perna para longe. Ele franze a testa para mim.

“Agora”, ele me acalma, “só porque estivemos separados um do outro não significa que você tenha esquecido as regras do nosso compromisso, não é?”

“Não”, eu digo. “Eu me lembro.”

A voz dele se torna um pouco mais intensa. “Então, por que”, ele pergunta,

“você afastou a perna?”

Eu respondo sem sinal de medo ou hesitação. “Você me disse para eu sempre estar pronta para você.” Dou-lhe um sorriso doce. “Infelizmente, devido a essas circunstâncias fora do meu controle, eu acabei me tornando incapaz de cumprir com essa obrigação.”

Ele ri discretamente. “Aprendendo”, ele diz. “Você está aprendendo, Lilly.”

Sem avisar, ele se levanta. Olha para o relógio. “São seis e quinze. O jantar será às sete. Posso confiar que você terá tempo suficiente para se preparar?”

Permito a mim mesma olhar para além do limite da minha cama pela primeira vez em dias. Eu mal posso conter o entusiasmo na minha voz.

“Você quer dizer que ampliou o limite?”

Os olhos de Stonehart brilham para mim. “Minha querida, o limite em volta da sua cama foi tirado no momento em que deixei esse lugar pela última vez”. Ele dá um pequeno toque num dos lados da cabeça e diz: “As restrições têm estado todas aqui”, em referência à minha cabeça, insinuando que tudo não passou de coisa da minha imaginação.

Capítulo Dois

Eu bato a porta do banheiro com raiva e agarro o sabão com uma pancada. O jato de água quente está fazendo um excelente trabalho, retirando a imundície que se formou na minha pele nos últimos dias, mas quase não tinha me dado conta disso.

Estou furiosa. Com muita raiva.

Stonehart me disse que o único motivo que me fez deixar a mim mesma nessa condição foi um limite por mim *imaginado*. O alcance da coleira foi estendido para além da minha cama quando ele deixou a varanda, três dias atrás.

Não sei se estou com mais raiva de mim mesma ou dele. Nem mesmo sei se ele estava falando a verdade. *Isso* é o que torna tudo tão ruim! Não tenho como

saber se o limite está mesmo lá ou não.

Esse é um jogo mental. Eu sei que é isso. *Tudo* que se refere a essa situação é um jogo mental. Um jogo doentio e desagradável, inventado por um homem pervertido.

Não sei o propósito disso. Não tenho a pretensão de saber quais são as intenções de Stonehart.

Eu tento me acalmar, reiterando que

esse tipo de reação é, exatamente, o que Stonehart quer. É inútil. Não consigo conter minha raiva.

É uma reação ridícula. Não é como se eu tivesse apenas *testado* voluntariamente o limite dessa maldita coleira. O choque que a coleira me deu da primeira vez foi uma das piores experiências da minha vida.

Ainda assim, a injustiça disso me

corrói. Gastei três dias, confinada nessa cama, com medo de me mover, por causa de alguma coisa que *possivelmente sequer existiu*.

No grande esquema de coisas, digo a mim mesma, respirando fundo, que três dias não é muito. Especialmente comparado com o tempo que já passei na mansão de Stonehart. Mas ainda assim... é frustrante. Ainda mais porque isso começou no primeiro dia em que

ganhei a liberdade de me movimentar pela casa.

Saio do banheiro e me visto. Meus movimentos são bruscos e rápidos, refletindo meu estado de humor. Levanto minha cabeça para as câmeras. Não deixarei que Stonehart me veja nervosa.

Eu passo uma maquiagem discreta, arrumo meu cabelo o melhor que posso e visto um bonito vestido vermelho, que

cai perfeitamente nas partes certas do meu corpo. Completo o visual com um sapato stiletto de salto dez centímetros e estou vestida para matar.

É engraçado ver o que a ilusão de liberdade pode fazer com nossa mente. Eu sei que na verdade não sou livre. Entretanto, andar pelo corredor, banhada e vestida, me faz sentir muito mais forte do que eu me sentia quando estava presa à cama. Estou mais resoluta do que

nunca para mostrar a Stonehart quem eu realmente sou. Não vou mais me fingir de fraca.

Não sei quanto tempo levará para eu desfazer os estragos já feitos. Tenho a intenção de combater com cada fibra do meu ser.

Quando entro na sala de jantar, encontro Stonehart já sentado. Por um milésimo de segundo o pânico toma conta de mim quando penso que estou atrasada. Stonehart deixou claro como pontualidade é importante para ele naquela noite no restaurante.

Entretanto, uma olhada rápida para o relógio sobre a parede mostra que ainda faltam dois minutos para as sete.

Stonehart não dá sinal de que me ouviu chegar. Ele está olhando fixamente

para um tablet preto nas mãos,
ignorando minha presença. Sua fronte
está franzida em sinal de concentração.
Uma linha de algo similar a
descontentamento se forma em sua testa.

Eu me sento em frente a Stonehart e
espero por ele, com as costas eretas, até
que ele se digne a considerar minha
presença.

Assim que o ponteiro dos minutos

alcança o doze, Stonehart põe o tablet sobre a mesa. Ele olha para mim.

Os olhos dele se lançam sobre o meu corpo. Ele examina meu rosto, meu pescoço, meus ombros. Ele fixa os olhos por um longo tempo nos meus seios. Eu luto contra a urgência de mostrar impaciência sob o seu olhar.

Mas, depois de um tempo, me dou conta de que nem sinto a necessidade de

me livrar disso. Deixa que ele olhe. Os olhos dele não podem me ferir.

O olhar de Stonehart se volta para o meu rosto. Sua expressão é apática, impossível de ser decifrada. Nem mesmo consigo dizer se ele está agradecido, pê da vida ou agitado. Ele tem uma incrível cara-de-pau. Creio que ela lhe tenha sido muito útil várias vezes no passado.

Finalmente, um pequeno sorriso quebra o gelo. “Se você é capaz de se arrumar assim em menos de uma hora”, ele diz, “não consigo imaginar o que é capaz de fazer se tiver tempo apropriado.”

Uma leve emoção corre pelo meu corpo quando ouço essas palavras de elogio. Não deixo transparecer.

Ao invés disso, eu retribuo com um

pequeno movimento da minha cabeça.

“Obrigada, Jeremy.”

Ele bate os dedos sobre a mesa, enquanto olha para mim. “Agora”, ele diz, “há algo que eu gostaria de lhe dizer há um bom tempo. Eu não estava certo quanto à melhor maneira de contar a novidade.”

Eu pego o pequeno copo de água e tomo um gole delicadamente. “Oh!”

“Você se lembra, certamente, da progressão de suas liberdades?”

“Naturalmente”, eu digo.

“Primeiro, quero reforçar a ideia de que cada um dos Prêmios por Bom Comportamento (PBCs) que você recebeu não lhe serão tirados. Eles pertencem a você por direito, Lilly. Quero que saiba disso.”

Me impressiona saber quão

facilmente posso considerar os PCBs sem sentimento de desgosto, dado que eles são verdadeiras lembranças do meu aprisionamento. “Obrigada, Jeremy.”

“Você é bem-vinda. Agora, o que tenho a conversar com você tem a ver com os prêmios ou fichas, de certo modo. Dado isso, tem a ver com as liberdades que você ganhou com os PCBs. Você se lembra, eu suponho, que vinte e cinco prêmios darão a você a

permissão para frequentar eventos
públicos do meu lado?”

“Sim, me lembro.”

“Bem, há um problema quanto a isso, Lilly”, ele começa. Minhas vísceras se contraem. “No fim do mês haverá um baile de gala privado a que eu fui convidado. É um baile beneficente para a Fundação Children’s Make a Wish. As Indústrias Stonehart são um dos maiores patrocinadores da fundação.”

“Para fins fiscais, suponho?”, digo antes de me calar.

Os olhos de Stonehart diminuem de tamanho. Um sinal de raiva aparece entre eles. “Não”, ele diz, levemente irritado. “Não, Lilly. Você descobrirá que alguns esforços que abraço é por puro altruísmo.”

“Muito delicado de sua parte”, eu murmuro, não me incomodando em ter

que esconder o sarcasmo na minha voz. Ele tem a cara-de-pau de falar *comigo* sobre altruísmo?”

“Sim”, Stonehart diz. Eu o vejo lutando para manter o desgosto longe de sua face. “De qualquer forma, *Lilly*, o baile de gala é o primeiro evento a que eu quero levá-la. Isso significa que você tem trinta dias para ganhar vinte PCBs. Espero empenho máximo de você para cumprir todas as tarefas.”

Minha mente gira. Se eu conseguir vinte e cinco, isso significa que já estou a meio caminho de alcançar minha liberdade plena.

Ele me dará isso tudo em apenas um mês?

Então, novamente, Stonehart é a única pessoa que pode, na verdade, distribuí-los. Ele quer me apresentar em público, levando-me com ele? Já posso

imaginar pelo menos uma dúzia de coisas que podem dar errado. Para ele e para mim.

É um risco. Eu suponho que ele não me deixará sair do seu lado. Mas, ao mesmo tempo, se houver alguma chance de fugir, terei que fazer isso.

Ele interrompe meus pensamentos e fala como se tivesse lido a minha mente.

“Supondo que você consiga ganhar

os PCBs suficientes”, ele diz, “esteja
ciente de que certas... *precauções*...
serão tomadas para garantir total
concordância com o meu conjunto de
regras para deixar a casa”. Ele se
recosta na cadeira. “Mas, isso ainda é
um longo caminho a percorrer. Mas não
há nada que nos impeça de falar sobre
elas já.” Ele inclina a cabeça e olha
para mim sob o arco de suas
sobrancelhas. “Como nós dois sabemos,

Lilly, muita coisa pode mudar ao longo de um mês.”

Ouçõ um movimento na minha direção e olho para ver um homem jovem de pé, na entrada da sala de jantar. Sua cabeça está baixa. Ele está segurando uma bandeja redonda cheia de pratos quentes.

Stonehart se dá conta dele, também, e faz um gesto rápido com os dedos para

que ele se aproxime. O jovem põe a bandeja na mesa e distribui o alimento entre nós, mantendo os olhos para o chão. Ele não olha em minha direção nem uma vez.

Logo depois de ele sair, e de nosso jantar estar posto na nossa frente, pergunto a Stonehart: “O que aconteceu com Rose?”

Ele estala a língua. “Realmente,

Lilly”, ele diz, com um pouco de pena.

“Você já se esqueceu da regra de número três?”

Não dou o braço a torcer. “Foi só uma pergunta inocente”, eu digo.

“Mas, de todo jeito, é uma pergunta”, ele lança um olhar para mim. “Se eu não a conhecesse, diria que você está tentando testar os limites da minha paciência.”

“Eu ainda tenho que saber o que eu sou e não estou autorizada a fazê-lo.”

“Você assinou o contrato. As coisas não mudaram.”

“E, até agora, eu cumpri as expectativas daquele documento, ou não?”, eu o desafio.

Ele levanta as sobrancelhas. “Você está fazendo outra pergunta.”

“Uma pergunta retórica.”

Stonehart sorri. “Muito bem, Lilly.

Posso ver que você não estava mentindo quando disse que tinha um pensamento pronto. Esse tipo de comportamento foi o que sempre esperei de você.”

“Isso parece muito com um outro elogio”, eu digo, sabendo muito bem que estou forçando a minha sorte.

“Talvez seja isso”, Stonehart opina.

“Antes de comermos, entretanto,

gostaria de *lhe* fazer uma pergunta, se me permite.”

“Você não precisa de permissão.”

“Não. Você está certa”. Um pequeno sorriso surge nos lábios dele.

“Mas a pretensa civilidade pode ir longe em certas situações, eu descobri.”

Mordo minha língua para evitar que um sorriso de deboche venha à tona. Ao invés disso, eu apenas consinto com a

cabeça.

“Tudo certo, Lilly, vamos lá: Por que você?”

Eu espero que ele acrescente algo mais. Como ele não diz nada, balanço a cabeça. ““Por que eu’ o quê?”

“Por que você pensa que tudo isso —”, ele estende o braço, como se abraçasse toda a sala, “—está acontecendo com *você*? Por que é *você*

que está sentada aqui comigo agora e não uma outra mulher?”

Abro a boca para dizer que não tenho a mínima ideia, mas ele desvia minha atenção segurando um dedo.

“Pense cuidadosamente antes de falar, Lilly-flor.” A voz dele tomou uma entonação ameaçadora. “Nós estamos prestes a mergulhar em águas turvas.”

Minhas vísceras se contorcem como se uma família de helmintos tivessem se mudado para lá. Stonehart olha para mim do outro lado da mesa. Suas feições estão calmas, mas posso dizer que essa

é uma das suas espertas caras-de-pau. O alerta que ele está me fazendo torna essa pergunta mais sinistra do que pareceu à primeira vista.

“Eu não sei”, digo, finalmente. Os olhos de Stonehart não são tirados de mim. Sinto que estou sendo analisada em detalhes pelo seu olhar mais arrogante.

“Por favor”, ele diz, calmamente.

“Não subestime as nossas inteligências.

Sei que algumas coisas que fazemos são *fingimento*". Ele enfatiza a palavra quase que de maneira cantada. "Esse jantar, por exemplo. Mas há uma razão para mantermos a aparência de normalidade no nosso relacionamento. Por que você acha que é?"

"Hum—"

"De novo", Stonehart diz, "pense cuidadosamente antes de responder. Se

você se lembra, eu lhe disse uma vez que eu quero a sua mente”. Ele fala baixo, em sussurro. “Prove para mim que você ainda é a pessoa que encontrei naquele dia.”

Engulo o recém-formado bolo na minha garganta. Alguma coisa relacionada ao rumo dessa conversa está me deixando desconfortável.

Mas eu disse a mim mesma que

agiria como a mulher que sou, não disse? Já decidi que preciso manter a força do meu caráter sobre ele. Não consigo fingir que não sou uma prisioneira. Mas isso não significa que eu tenha que agir de forma diferente de quando eu estava livre.

Isso define o meu propósito.

Respiro fundo e respondo com uma voz forte e clara.

“Acho que você está tentando me aclimatar à sua presença. Você quer que eu deixe minha guarda baixar à sua volta.”

Um sorriso genuíno se espalha em volta dos lábios dele. “Muito bem, Lilly. Sei que a mulher que conheci ainda está aqui, de algum modo. Excelente. Você está exatamente certa. E quanto mais rápido nós dois reconhecermos a

necessidade desse tipo de fingimento, mais rápido poderemos superá-lo.”

“Eu não entendo”, digo. “Sou sua —*empregada*”. A palavra parece suja na minha língua. “Eu assinei um contrato que você criou e estou presa a isso.”

“Correto”, ele diz.

“Então, não vejo que haja necessidade de voltarmos ao passado”. Minha mão se move rápido para tocar

minha coleira. A meio caminho, eu inverteo o movimento e finjo que ia empurrar para trás da minha testa um incômodo fio de cabelo. “Estou cumprindo minha obrigação com você. Isso é tudo o que você pode esperar de mim.”

Os olhos de Stonehart brilham. “Mesmo, Lilly?”, ele pergunta com delicadeza. “Você sinceramente pensa que isso é *tudo* o que estou esperando

de você?”

“Isso é tudo o que você me tem feito acreditar. Você está insinuando que há algo mais?”

“Sempre há algo mais”, ele murmura. “Em tudo o que fazemos. Especialmente quando se trata de assuntos do coração.”

Eu engasgo com a água que estou engolindo. Assuntos do *coração*?

“Uma figura de linguagem, Lilly”.

Stonehart ri quando vê a minha reação.

“Não é para levar ao pé da letra.

Embora seja prazeroso ver que eu ainda posso provocar esse tipo de resposta em você.”

“Sim, bem...”, eu gaguejo, me sentindo decididamente instável pela primeira vez durante esse jantar inteiro.

“Não tem problema”, ele diz. “Há

coisas mais importantes para discutirmos. Voltando ao primeiro tópico da conversa: Por que é você que está aqui e não uma outra pessoa?”

“Essa é a pergunta que tenho feito a mim mesma o tempo todo”, murmuro.

“O que disse?”

“Nada”, limpo a garganta. “Não sei. Sorte?”

Inesperadamente, Stonehart joga a

cabeça para trás e dispara a rir.

Isso me ofende.

“Sorte?”, ele dá uma gargalhada.

“Sorte? Não, Lilly, não foi sorte, embora eu veja como isso possa parecer sorte para você. Má sorte para você e boa sorte para mim. É isso?”

Eu aperto os lábios e não respondo.

Nós nunca tratamos sobre o tema da minha captura. Afora meu novo

propósito, sinto que esse é um tema perigoso para ser tratado.

Melhor evitá-lo completamente por agora.

Stonehart leva o copo de vinho à boca pela primeira vez. Quando ele o põe de volta, olha para mim com uma nova intensidade.

“Nossas vidas são definidas por nossas ações, Lilly. Sorte é uma falácia

para os fracos de espírito e vontade.

Sorte é o que aquelas pessoas que não são donas de suas próprias ações apontam quando consideram o sucesso ou o fracasso de suas vidas. É isso que os *cordeirinhos* acreditam quando discutem o aumento meteórico do poder de pessoas como eu.”

“Não, Lilly, não foi *sorte* o que trouxe você aqui”. Ele zomba quando enfatiza a palavra sorte. “Foi um esforço

concentrado e puro poder da vontade.

Pense nas circunstâncias que trouxeram você à Califórnia. Pense e me diga como você acabou na minha casa.”

Pensar. Bem, tudo começou com o Prêmio Barker, não foi? Foi isso que me trouxe o reconhecimento necessário para as firmas de consultoria começarem a me recrutar.

Stonehart não pode estar pensando

nisso. Nunca disse isso a ele, por exemplo. Foi apenas uma premiação exclusiva para Yale, por um lado. E ele é um ex-aluno de Wharton—

Espera. Nunca levei isso em consideração antes. Wharton e Yale são ambas escolas da Ivy League. Há uma ligação... uma ligação entre nossas vidas... que eu não tinha me dado conta.

Poderia ser isso mais do que

coincidência? Havia algo de mais sinistro em ação quando ganhei o prêmio?

Os olhos de Stonehart me olham sem interesse. Apesar de ele estar do outro lado da mesa, isso me fazer sentir desconfortável.

“Você não está respondendo, Lilly.”

“Foi... um golpe de sorte”, eu digo.

Se eu não tivesse escrito o ensaio e o

jogado fora, se Robin não o tivesse encontrado, eu nunca teria estado em condições de ser pega por Stonehart.

“Mesmo?” A voz dele baixa a um tom perigoso. “Você realmente pensa que foi um *golpe de sorte* trazer você aqui? Depois de tudo o que eu disse a você sobre sorte?”

Um arrepio dos mais desconfortáveis corre pela minha

espinha. “Você está sugerindo...”, eu começo, mas engasgo com as palavras antes de poder continuar. Limpo a garganta e tento novamente. “Você está insinuando”, procuro me controlar, “que você teve alguma coisa a ver com isso?”

A sugestão o agrada. Ele se recosta na cadeira e abre os braços. “Claro que tenho”, ele diz, triunfante.

Meu coração trava no meu peito.

Por poucos minutos, ele se esquece de bater.

“Era você?”, eu chego junto.

“ZilTech é uma filial das Indústrias Stonehart, Lilly. Certamente você sabe disso. O que você não sabe—o que unicamente meia dúzia de pessoa vivas sabem— é que as Indústrias Stonehart também são donas da Corfu Consulting.”

A sala gira. Todos os objetos ao

alcance da minha visão parecem girar à minha volta com uma velocidade vertiginosa. Sinto-me fraca, como se estivesse prestes a desmaiar.

Corfu Consulting. Corfu Consulting era a empresa que me escolheu. Foi por causa deles que voei para a Califórnia. Foram eles que me ofereceram aquele contrato que mudou minha vida e que me fez pedir afastamento de Yale.

Eles são os únicos que eu pensei que me ajudariam a alcançar verdadeira autonomia sobre a minha vida.

“Vejo que você fez a conexão”, a voz suave de Stonehart me traz de volta ao presente. Olho para ele, inacreditavelmente confusa, e pelos piores tipos de razões.

“Como?”, sussurro. “Como?” Todo tipo de novos sentimentos brotam

descontroláveis dentro de mim, todos direcionados ao homem que domina a minha visão. Eles são pontuados por um novo tipo de raiva, respingados de ódio e tingidos de ondas turvas de descrédito.

“Perguntas para outro dia”, ele diz sem interesse, cortando o pedaço de carne. Ele leva o pedaço à boca e começa a mastigar. “Você está muito branca, Lilly. Sugiro um pouco de comida. Você vai precisar disso para as

atividades que planejei para nós esta
noite.”

Capítulo Três

O restante do jantar passa como um *flash*. Stonehart não tenta iniciar uma pequena conversa sequer e eu estou bem com o silêncio.

Preciso pensar.

Ele está mentindo, a voz da razão sussurra no meu ouvido. *Ele não é dono da Corfu Consulting. Ele apenas está*

dizendo isso para confundir minha cabeça.

Mas, e se ele não estiver mentindo? Uma segunda voz, mais sinistra, me diz. E se ele estiver dizendo a verdade?

Essa é a ideia que me amedronta. Se Stonehart está dizendo a verdade, isso abre um amplo leque de possibilidades e perguntas desconfortáveis.

Por exemplo: *Por quanto tempo ele vem me observando?*

As pistas e indiretas fazem com que pareça que o meu sequestro não tenha sido uma coisa feita por impulso. Foi algo que foi planejado por longo tempo.

De novo, *por quê? Como?* Que tipo de vantagem eu posso representar para um homem como Stonehart?

Não acredito que eu seja apenas

uma garota a quem ele decidiu fazer isso de forma aleatória. Não sou. Não depois da ridícula negação dele quanto à sorte. Stonehart não é uma pessoa que deixe a sorte ao acaso.

Lanço um olhar furtivo sobre ele. Os músculos do maxilar comprimem toda vez que ele mastiga a comida. As mangas da bem passada camisa branca estão dobradas para revelar os poderosos músculos que bailam nos

seus antebraços. Ele não se dá conta de que estou olhando. Se ele viu, preferiu fazer de conta que não.

Eu olho para as belas feições de seu rosto.

Quem poderia imaginar o tipo de monstro que se esconde sob aquela máscara?

Ele é frio. Calculista. Louco pelo poder. Esses são os traços que fizeram

dele uma pessoa espetacularmente bem-sucedida na vida.

Esses são traços que fizeram dele esse formidável inimigo.

Os olhos dele se acendem.

Imediatamente, desvio meu olhar.

Quem ele é? Quem é Stonehart, *realmente*? Toda sua existência está envolta em sombras e mistério. Não estou mais próximo de decifrá-lo agora

da mesma forma como não estava o primeiro dia em que acordei aqui.

Acho, no entanto, que tenho uma compreensão parcial do que ele foi enquanto garoto. Ele me contou a história de si mesmo: foi negligenciado e ignorado em favor dos irmãos. Ele cresceu odiando o pai.

Foi esse tipo de tratamento que fez nascer o monstro? Quando ele me contou

a história de sua infância, ele o fez de forma a dar a entender que não teve nem um pingo de amor direcionado a ele.

Apesar de mim mesma—apesar de tudo—, meu coração se simpatiza com o pequeno garoto que um dia ele foi. Meu relacionamento com minha mãe também caiu por terra poucos anos antes de ela começar a beber. Entretanto, isso não significa que eu não tenha saudosas lembranças dela. Nós éramos sempre

pobres, sempre mudando de casa, mas, apesar de tudo, quando eu era criança, nós tínhamos uma à outra.

Eu me lembro dela lendo para mim. Essas são minhas recordações favoritas. Ainda posso ouvir sua voz gentil me transportando para um mundo distante. Um mundo bem longe do ambiente de pobreza em que vivíamos.

De forma inesperada, sinto um nó na

garganta. Um aperto de tristeza se forma no meu peito.

Verei minha mãe novamente? Por muitos anos, eu *a* culpei pelo fim do nosso relacionamento. Eu *a* culpei por tudo de errado.

Mas agora me dou conta de que eu estava sendo egoísta. Nunca assumi responsabilidade pelo que aconteceu. Eu estava tão preocupada apenas em seguir

adiante na escola e trabalhar pesado para construir a vida por mim mesma, que me esqueci dela. Nunca pensei em como deve ter sido difícil estar no lugar dela: sozinha, com uma garota e sem estudos. Ela estava sempre tão interessada em agradar que se tornou capacho de todos aqueles homens horríveis que se aproveitam de mulheres inseguras.

Paul era—isso me dói admitir—

provavelmente o único que *não* a tratou mal. Nunca gostei dele porque ele sempre me ignorou. Mas aqueles primeiros dias no escuro me fazem lembrar a verdade: *Ele* me salvou uma vez.

Não me admira que minha mãe estivesse amargurada quando eles romperam. Nunca descobri o motivo da separação. Isso fez com que ela

começasse a beber e abriu a porta de entrada para todos os namorados fracassados.

Foi quando a nossa relação se deteriorou.

E, sim, antes disso... ela foi uma boa mãe. Nunca dei valor a ela como deveria.

Agora, não sei se a verei de novo algum dia.

Esse pensamento me enche de tristeza. A última lembrança que ela tem de mim é a briga horrível que me fez pegar minha mala e sair correndo de casa. Não é nenhum consolo que o que escrevi esteve na parede por semanas. Foi por isso que deixei a mochila pronta para sair a qualquer momento.

Já se passaram cinco anos desde que falei com ela pela última vez, não é?

Seguro um soluço. Isso parece uma vida inteira. E, agora, nessa minha difícil situação atual, serão mais cinco anos de espera—pelo menos—antes de eu vê-la novamente.

Se Stonehart me deixasse sair.

Sinto um sobressalto e impeço a mim mesma de mergulhar nessas ideias deprimentes. Autopiedade não vai ajudar agora. Preciso canalizar minha

força interior se ainda tenho alguma
esperança de me livrar completamente
dessa situação.

“Lilly”. A voz de Stonehart me tira
dos meus devaneios. “Você sequer tocou
a comida.”

“Oh!” Nem me dei conta. Estou com
a cabeça cheia. “Acho que não estou
com muita fome.”

“Coma”, ele diz. “Você se lembra

da cláusula do contrato sobre a forma do corpo, não se lembra? *Coma.*”

Pego o garfo e começo a mexer na comida. Não tenho fome, mas não acho que valha a pena discutir por isso.

Depois do jantar, me encontro na banheira, sozinha. Stonehart me disse para ir e me lavar. Descobri a banheira cheia de água quente quando voltei do

jantar e fui me banhar.

Ele me disse que eu teria algumas horas para mim antes de ele vir – arre! – me *visitar*.

Dou-me conta de que esse é, provavelmente, o melhor lugar para passar o tempo.

É difícil, mas comecei a pensar na varanda e em todos os demais cômodos a ela conectados como ‘meus’. Não é

como se fosse uma casa, mas de alguma forma parece ser menos incômodo passar o tempo aqui do que em outro lugar da mansão de Stonehart.

Meus pensamentos ainda estão dispersos. A conversa de hoje ao jantar não revelou nada, mas, ao invés disso, criou uma possibilidade incômoda.

Há quanto tempo Stonehart está guiando minha vida? Por quê?

Deve haver uma razão além dos desejos sádicos desse homem. Se ele planejou tudo para me trazer à Califórnia, então eu devo ser alguém importante para ele.

Certo?

A secretária dele disse o mesmo.

Mas, *quem?* *Quem* eu sou para Stonehart? Não consigo imaginar ninguém fazendo todo esse esforço por

uma completa estranha.

Não importa o quanto eu tente pensar, nenhuma pista vem à minha mente. Não há nenhuma maneira de Stonehart estar, possivelmente, ligado a mim.

Supondo-se que Stonehart é dono da Corfu Consulting, a dedução lógica é que todos os acontecimentos que me trouxeram à Califórnia foram por ele

manipulados.

Poderia ser esse o caso? A minha captura foi um trabalho planejado a longo prazo?

É difícil admitir, mas quanto mais penso sobre isso, mais razoável parece. O estágio de verão me levou a deixar New Haven. O contrato de um ano me levou a pedir um ano de ausência. ZilTech dando para trás me deixou sem

trabalho e, basicamente, sem onde
morar.

Em suma, esses foram
acontecimentos perfeitos para permitir a
Stonehart me capturar.

Se eu fosse outra pessoa... se eu
tivesse família, casa, alguém em quem
confiar... isso não teria funcionado.
Alguém lá fora estaria olhando por mim.
Mas eu não tenho ninguém.

Stonehart provavelmente sabia que, se eu tivesse sumido da face da Terra, ninguém iria procurar por mim. É por isso que eu era a vítima perfeita.

Isso também significa que ele sabe muito mais sobre mim do que eu sei sobre ele. Não sou uma estranha qualquer. Sou um alvo específico.

Outra vez, a pergunta volta a soar: *Por quê?* Por que eu? O que me fez tão

especial que me trouxe para a vigilância de Stonehart? Ele não é um esquizofrênico paranóide sem contato com o mundo lá fora. Ele é um dos homens mais bem-sucedidos desse país.

Você não chega a essa posição cometendo erros. Se houvesse alguém para descobrir sobre mim... isso iria arruiná-lo, sem dúvida nenhuma.

Sim, sabendo disso, ele ainda me

drogou, me trouxe aqui e pôs rapidamente a coleira em volta do meu pescoço.

Isso significa que ele está confiante de que não será encontrado.

O pensamento me assusta. Eu quero lutar. Mas como você luta contra um inimigo estando em uma posição de fraqueza total?

Tudo o que acontece comigo

acontece sob a descrição de Stonehart.

Se ele manipulou os eventos que me empurraram para cá, ele fez um trabalho de mestre quanto a isso. O que ele disse sobre sorte? Que isso é para fracos de espírito e vontade? E ele riu de mim quando eu sugeri que foi a *sorte* que me trouxe aqui...

Essa é a principal confirmação de minhas suspeitas. O homem diz que não acredita em sorte e me critica por

acreditar nisso. Isso deve significar que ele tem estado construindo sua teia por muito tempo. Isso significa que fui aprisionada aqui por muito mais tempo do que imaginei.

Dei-me conta de que a água está ficando morna. Olho em volta do banheiro e o encontro vazio. Por um momento, acho que demorei muito.

Stonehart me disse para eu me preparar

para ele. Mas, se ele me quisesse, ele já teria vindo.

Olho para o teto, onde sei que as câmeras estão, sabendo que o fato de estarem lá não me afeta o tanto que achei que afetariam. Como elas são invisíveis, é fácil para eu fingir que elas não existem.

Ou, pelo menos, é mais fácil ignorar sua presença.

Eu me seco e me envolvo em um roupão bem macio. Enrolo a toalha em volta da minha cabeça e sigo em direção ao toucador. Automaticamente, checo a minha maquiagem no espelho e retoco os detalhes que estão imperfeitos.

Se há uma coisa de que me dei conta é que não posso dar a Stonehart nenhum motivo para ele ficar chateado comigo. Não posso ser submissa, já decidi sobre

isso. Mas eu tampouco posso ser imprudente. De aqui em diante, a única esperança de escapar é atrair, o mínimo possível, a extrema ira de Stonehart.

Estou a meio caminho do toucador quando a desesperança de conseguir fugir toma conta de mim. Se Stonehart tem esboçado seu plano total por tanto tempo, como suspeito que ele tenha, então qual é a minha real chance?

Estou iludindo a mim mesma se acredito que as coisas serão tanto mais fáceis quanto mais eu bisbilhotar pela casa, encontrando alguma fofoca sobre ele e usando-a para chantageá-lo de alguma forma. *Aha!* Eu teria melhor sorte se respirasse no espaço.

Estou indo contra uma das mentes de negócios mais impiedosas desse país. Estou certa de que ele planejou tudo

para cada uma das contingências.

O desespero ameaça me consumir.

O que eu posso fazer contra ele? Nada.

Que chance eu realmente tenho?

Nenhuma!

Não. Pare com isso.

Não posso me afundar em
autopiedade. Eu não posso—
absolutamente *não posso*—desistir
agora. Não estou eu agora em uma

situação muito melhor do que estava uma semana atrás? Bem, eu ainda tenho a coleira em volta do meu pescoço. Mas, não estou mais presa à coluna. Estou livre para zanzar por onde quiser.

Ninguém é perfeito. Eu sei disso. Stonehart não o é, definitivamente. Ainda que ele se pareça com um monstro sem coração, ele ainda é humano.

Muito humano.

Eu me recuso a acreditar que ele não tenha alguma fraqueza. Ele irá cometer um erro, em algum momento ao longo do caminho. E, quando ele errar..., eu o pegarei.

Ele mencionou que o baile de gala será no fim do mês. Ele me quer lá com ele. O que significa que ele terá que me dar PCBs suficientes para eu ir... e me

dar todas as liberdades sucessivas no processo: o direito de ir lá fora. O direito de ler jornais e me informar sobre os fatos atuais. Acesso à internet.

Monitorado acesso à internet, eu diria..., mas ainda assim acesso. Eu posso estar em uma posição muito, mas muito melhor em trinta dias.

Mas o que são trinta dias se comparados a um tempo de contrato de

cinco anos?

Eu sei o que tenho de fazer daqui até o fim do mês. Tenho que fazer tudo o que estiver ao meu alcance para ganhar PCBs suficientes para obter permissão para ir com ele.

Capítulo

Quatro

Expectativa toma conta de mim a cada batida do coração. Stonehart me disse que viria e me encontraria esta noite, mas já tenho estado sozinha por duas horas.

Está escuro lá fora. As luzes que

vêm do teto refletem minha imagem
contra os vidros negros. Não consigo
relaxar, indo da cama para a poltrona e
de volta sem nada a fazer, a não ser
esperar.

Eu queria ter um laptop. Rio de mim
mesma. Um laptop? Stonehart não me
daria um computador. Mas, quem sabe,
alguns livros?

Preciso de *algum* tipo de estímulo

mental. É irritante ficar parada com os meus próprios pensamentos como companhia. Livros seria bom. Livros são seguros. Não posso fazer nada com eles para quebrar as regras. E eles fariam maravilhas pelo meu estado de espírito.

Talvez eu devesse pedir a ele alguns livros? Ele me disse que estou autorizada a fazer pedidos. E esse é, certamente, razoável...

Nunca na minha vida eu tive tempo para mim. Às vezes, em Yale, eu desejei tão somente por uma semana de afastamento do trabalho. Uma semana em que eu pudesse apenas ficar na cama, comendo algumas barras de chocolate divinas, enquanto deixava meu cérebro repousar tranquilamente com um filme tocando ao fundo.

É irônico como as coisas

funcionam. Naquele tempo, eu daria tudo para uma pequena pausa. Agora, eu não tenho absolutamente nada para fazer com todo o tempo que me é dado. Tudo o que posso fazer é esperar ansiosamente pela chegada iminente de Stonehart.

A autonomia tem sido arrancada da minha vida. Estou inteiramente à disposição dele.

Eu me sento na beirada da cadeira,

costas eretas, e olho para a entrada do quarto.

Onde você está, Stonehart?

Olho para a cama e penso na possibilidade de dormir, mas então reflito melhor sobre isso. Não consigo dormir agora. Não sem vê-lo. Talvez ele quisesse dizer para *eu* encontrá-lo?

Mas, não. Quando penso sobre o fim do jantar, me lembro claramente dele

dizendo que *ele* virá *me* buscar.

Então, sou pega aqui esperando por ele, sem coragem de fechar meus olhos por medo de perder sua chegada.

Começo a bater o pé contra o solo.

Tap-tap-tap-tap. Tap-tap-tap-tap.

Me dou conta do que estou fazendo e faço careta. Forço meu pé a parar.

Fazer pequenos movimentos como esse é um mau hábito que nunca fui capaz de

frear.

Eu me pergunto o que Stonehart quer de mim esta noite. Na verdade, não, não me pergunto. Sei bem o que ele quer. Está tudo definido no contrato.

Assim, tudo o que eu posso fazer é sentar e esperar, com esse sentimento crescente de mau presságio obscurecendo meus pensamentos.

Quem eu sou para Stonehart? Um

homem como ele—com o dinheiro que tem, poder e aparência—deveria estar apto a conseguir qualquer mulher que ele deseje. Então, por que eu? Por que ele está fazendo isso comigo?

É o prazer da dominação? A sensação de controle total? É uma manifestação de alguma parte doentia de sua mente?

A coisa toda é muito mais do que

sexo. Disso eu tenho certeza. Stonehart tem um propósito em suas ações. Que propósito é, não posso começar a supor. Também não tenho respostas satisfatórias para o porquê de ser *eu* que estou nessa condição.

Poderia isso ser justamente por causa da minha condição de vida? Por causa das circunstâncias em que eu me encontro? Se Stonehart queria alguém para os seus jogos esquisitos, ele tinha

que estar certo de que essa pessoa não tinha ligações. Que ela não teria ninguém para fazer perguntas sobre sua longa ausência. Que ela poderia ser tirada do mundo sem que ninguém sequer notasse...

Me sento um pouquinho. Poderia ser simples assim? É a resposta para todas as minhas perguntas? Ele simplesmente me escolheu porque *sou* o alvo perfeito?

Eu me lembro da interação intensa no elevador, como se fosse ontem. *Eu quero a sua mente*, ele disse.

É isso sua tacada final em tudo isso? Ele quer que eu me torne totalmente dependente dele, não apenas para provisões físicas, como comida e moradia, mas também para as questões relacionadas ao meu bem-estar mental?

É estranho, incomum e incômodo.

Mas se Stonehart cometeu um erro no seu plano, foi esse:

Nunca darei a ele a minha mente.

Meus olhos estão se fechando e minha cabeça caindo quando um barulho de respiração instantaneamente me provoca um sobressalto. Está vindo da parte de trás da poltrona.

Me viro para trás e me vejo face a

face com *ele*.

Meu coração começa a bater acelerado. Estremeço por instinto. Espero ver raiva nos olhos dele por falhar em cumprimentá-lo corretamente.

Mas, ao invés disso, quando ele me vê me virar, um sorriso caloroso se espalha pelo seu rosto.

“Você parecia tão tranquila que eu não poderia admitir acordar você”, ele

diz, com a voz suave, baixa e maravilhosa. É uma voz apropriada para um amante.

Minhas defesas foram por água abaixo. Esse não parece ser o Stonehart que conheço.

“Jeremy, sinto muito”, eu começo, me levantando. “Eu estava esperando e esperando, mas suponho que tenha cochilado...”

“Shh”, ele diz, apertando um dedo nos meus lábios. “Lilly, você não precisa se preocupar. Eu compreendo.”

Eu engulo a saliva e pisco os olhos. Esse tipo de gentileza me deixou completamente fora de órbita. *De onde vem isso?*

“Venha”, ele diz, segurando minha mão. “Vamos para a cama.”

Forço minhas pernas para me

mover, enquanto o sigo. Ele vê a
confusão no meu rosto, enquanto
caminha para além da coluna e para a
minha nova cama.

“A sua cama não, Lilly”, ele diz. “A
minha.”

Deixo que ele me conduza sem ter
uma resposta. Como eu o vou seguindo
pelo caminho, pelo corredor escuro,
milhares de novas perguntas me vêm à

cabeça.

Por que ele não está se impondo sobre mim? Onde estão a agressividade, a raiva? Por que ele está sendo tão... diferente dele mesmo?

Nós entramos no saguão principal e começamos a subir as escadas. A mão dele em volta da minha é firme, mas gentil. Enquanto subimos as escadas, ele olha para trás e sorri—sorri de verdade!

—para mim.

É o suficiente para fazer borboletas explodirem no meu estômago.

Descontraidamente, seu polegar começa a desenhar pequenos círculos em volta da minha mão. A sensação envia arrepios para o meu braço. Meu cérebro não parece ser capaz de associar totalmente esse comportamento com o que eu estava esperando.

Nós caminhamos ao lado do corrimão de mármore banhado pela luz do luar. Todas as luzes da casa principal estão apagadas. As imensas janelas ao nosso redor deixam entrar o brilho suave da lua.

Stonehart para na porta de entrada. Ele olha para mim e aperta minha mão.

“Você esteve aqui antes”, ele diz, com amabilidade.

“Eu... sim”, mal consigo responder.

Alguma coisa como que entrou e travou minha garganta, impedindo minha capacidade de falar. “Sim, eu estive.”

“Mas nunca como convidada.”

As palavras soam como se fossem uma advertência. Mas não são. Se há algo, diria que é um traço de melancolia nelas.

“Não”, eu reconheço.

“Nós vamos mudar isso agora mesmo. Venha.”

E, com isso, ele me puxa para o seu quarto.

“Lilly”, ele se vira e começa a caminhar de costas, segurando minha mão com ambas as suas mãos. “Eu já disse como você está bonita esta noite?”

“Obrigada. Eu—ahh!” Eu grito quando, de súbito, ele me puxa de

supetão para si. Seus braços fortes se enroscam sobre a minha cintura e ele se inclina para me beijar.

O beijo me deixa ofegante, ansiando por mais. Não tem nada a ver com o beijo sedento que ele me deu quando arrancou o meu vestido. É delicado, até um pouquinho gentil, e até pleno de paixão. Eu não posso deixar de corresponder.

Quando ele se solta de mim, um pequeno e conhecido sorriso se abre no seu rosto. Ele levanta a mão e esfrega o polegar no canto dos meus lábios.

Eu estremeço com o gesto.

“Você está”, ele diz, gentilmente, “... você está muito bonita essa noite.”

De novo, tudo o que eu consigo fazer é ficar boquiaberta, como uma idiota. Esse é um lado de Stonehart que

nunca encontrei antes.

“Venha”, ele pede mais uma vez,
segurando minha mão e me conduzindo
durante o caminho até a cama. Ele se
senta e me pede para me sentar no seu
colo. Os olhos dele refletem a luz do
lunar, inundando o quarto, e eu os sinto
me penetrarem enquanto ele busca o meu
rosto.

Eu pisco e desvio o olhar,

perturbada pelo repentino e íntimo momento. Ele segura o meu queixo com uma das mãos e vira meu rosto para ele.

“Não me evite”, ele me diz. “Me deixe olhar bem para você.” Ele acaricia minha bochecha com a parte de trás da mão.

Sentir os dedos dele contra a minha pele deveria me fazer sentir repulsa, mas agora não é isso o que acontece.

Ele põe o meu cabelo de volta atrás da minha orelha, enquanto continua a olhar nos meus olhos. Parece que ele está olhando no fundo da minha alma. Isso me faz sentir mais exposta, como nunca me senti antes—e isso quer dizer algo, considerando-se tudo a que estive sujeita.

É uma experiência amedrontadora. Aqui está o homem que me sequestrou,

me deixou faminta e me forçou a assinar um contrato de caráter duvidoso. E, agora, nesse momento... tudo o que sinto é *afeição* emanando do seu olhar.

É uma farsa? Ou tudo antes era uma farsa? Foi—

Meus pensamentos se interrompem quando ele segura o meu rosto e me beija novamente.

Sei mais do que racionalizar as

coisas nesse momento. Deixo minha mente ficar vazia quando sou consumida pelo poder do beijo dele. O calor invade o meu corpo com a nossa conexão. O calor corre dentro de mim e toma conta de todas as minhas extremidades. Não consigo impedir minhas mãos de se embaraçarem no cabelo dele, de apertá-lo firme, agarrá-lo e ir tocando suas costas fortes e musculosas.

Sinto um estrondoso gemido emergir do fundo do peito de Stonehart. Sua língua luta com a minha. O calor brota do centro do meu ser. Sinto o meu corpo responder a ele da maneira mais primitiva.

Roupas, penso precipitadamente...

Muita roupa!

Meus pensamentos são selvagens e desconexos. Tudo o que sei é: preciso

sentir o pesado corpo de Stonehart
contra o meu. Preciso sentir a sua pele
queimando contra a minha.

Minhas mãos movem sob a gola da
sua jaqueta e eu o ajudo a tirá-la.

Nossos lábios ainda estão grudados
como se uma força magnética nos unisse.

Minha respiração está se tornando mais
difícil e rápida. Na verdade, é como
estar em busca de goles de ar depois de
sair de uma piscina de água gelada.

Quando começo a abrir os botões de sua camisa, ele se afasta.

“Não”, ele rosna. Por um segundo, me sinto apavorada de ter cometido algum equívoco grave. Mas, então, sua mão roça a minha bochecha de novo, e ele diz, com uma voz muito mais suave e gentil: “Não. Esta noite é toda para você.”

Isso é tudo o que ouço, em termos

de recomendação, à medida que ele me pega pelo quadril e nos joga sobre a cama. Minhas costas batem no colchão e meus cabelos voam em volta da cabeça. Meu tórax sobe e desce mais rápido cada vez que respiro. Levanto a cabeça e vejo Stonehart se erguendo sobre mim.

As sombras o favorecem. As sombras sobre o rosto dele o deixam ainda mais bonito. Suas bochechas são

bem contornadas com a acumulação diária de fios de barba. Seu cabelo negro e ondulado, e desarrumado sobre a cabeça—são a prova dos meus dedos sedentos. Ele está absolutamente magnífico, como a imagem de um deus grego que volta à vida.

O desejo pulsando através do meu corpo, e meu cérebro perigosamente com pouco oxigênio, são quase o suficiente para me fazer esquecer todas

as coisas pelas quais ele é responsável.

Não tenho a chance de duelar,
enquanto Stonehart cai sobre mim e
pressiona sua testa contra a minha. Meu
peito arfa sob seu peito firme. Eu
levanto minha cabeça para beijá-lo, mas
ele não deixa.

Em vez disso, ele leva a boca ao
meu ouvido. “Esta noite, Lilly”, ele
sussurra, “eu vou lhe mostrar o quanto

você significa para mim.”

Me mordo com o estremecimento de prazer que cresce através da minha pele quando sinto sua bochecha agressivamente deslizar contra a minha.

Qualquer desconforto com aquelas estranhas palavras íntimas é rapidamente esquecido quando ele começa a beijar o meu pescoço. Eu me rendo às sensações físicas que tomam

conta do meu corpo.

O cheiro dele entra pelos meus pulmões. Tem cheiro de terra, é natural e masculino. Isso me lembra o cheiro de ar fresco que a gente encontra no seio da floresta no começo de um bonito dia de primavera. O cheiro mexe com os meus pensamentos cada vez mais.

A essa altura, eu teria a sorte de ir para cima e para baixo, da direita para a

esquerda. Stonehart tira a parte superior do meu roupão, que vai deslizando pelo meu braço, expondo o meu ombro.

Quando ele beija a pequena extensão de pele, arrepios tomam conta de mim. Não quero nada mais do que agarrar a cabeça dele e beijá-lo novamente.

Racionalidade? *Se foi*. Senso comum? *Se foi*. Qualquer tipo de resposta apropriada que eu possivelmente teria a dar a ele não vem.

Meu corpo está se abrindo para
Stonehart mais e mais. Maldita voz essa
que está gritando no fundo da minha
mente, dizendo que eu não deveria estar
gostando disso. Estou sendo dominada
pela paixão sentimental que queima a
vida dentro de mim.

Gentilmente, bem devagar, dando
tempo ao tempo, Stonehart ensaia tirar o
meu roupão. Sua mão desliza sobre

minha pele quente enquanto ele olha para o meu corpo. Vejo o forte desejo sexual nos olhos dele. Isso faz com que meu coração bata mais rápido.

Ele se posiciona em cima de mim, seus quadris repousando sobre minhas pernas. A protuberância que aumenta de tamanho dentro de suas calças me enche de um tipo de excitação diabólica.

“Olhe para você, Lilly”, ele

murmura. Suas mãos descem pelo meu corpo, deixando rastros ardentes sobre a minha pele enquanto sou tocada. “Como pode uma mulher ser tão bonita? Nunca vi ninguém na minha vida igual a você.”

Antes que eu possa responder, a boca dele se comprime contra a minha. Nossos lábios se encontram em um beijo quente e apaixonado. O tecido áspero da camisa dele roça nos meus sensíveis mamilos, me deixando ainda mais

excitada.

Eu faço o que posso para devorá-lo.

Para respirá-lo. Ele está igualmente determinado a me consumir. Nosso beijo está repleto do tipo mais urgente de paixão. Nada disso é similar a um beijo que tenhamos compartilhado antes.

Esse beijo não está sendo roubado de mim. Eu o estou dando livremente, e desejando com toda a força que ele

nunca irá acabar.

Ele se afasta. Uma risadinha
incontrolável borbulha em mim e,
imediatamente, me sinto como a maior
idiota no mundo.

Mas Stonehart não me repreende.
Ele apenas sorri e leva as mãos acima e
começa a desabotoar a camisa.

Eu observo, paralisada, o corpo
dele aparecer mais e mais, à medida que

ele tira a roupa. Quando ele tira a camisa e revela os ombros, um minúsculo suspiro de admiração escapa dos meus lábios.

Nunca fui capaz de apreciar o corpo dele antes. Agora, eu posso.

O peito dele é largo e forte. Seu tronco é como uma rocha resistente. Posso ver as linhas que contornam o seu abdômen sob a camada recortada de

pelo.

Tudo nele é extremamente masculino. Esse foi o tipo de alegria que eu imaginei, irresponsavelmente, quando o encontrei no saguão do seu edifício. Parece que foi há muito tempo.

Ele mergulha de novo, mas eu o detenho, pondo minhas mãos no seu peito. Ele franze a testa e uma faísca de descontentamento tremula no seu rosto.

Eu falo antes que ele possa verbalizar o desconforto.

“Me dê uma chance de aproveitar a vista”, eu digo. Não reconheço minha própria voz. É inebriante, bruta e cheia de necessidade.

Stonehart ri de alegria. Eu passeio com meus dedos sobre a parte da frente do corpo dele e sorvo o ar com dificuldade. O aperto firme dos

músculos dele me preenchem do mais exótico tipo de prazer feminino.

“Já tem o suficiente?”, ele pergunta.

Há uma divertida e provocadora qualidade em sua voz.

“Claro que não”, eu respiro sem pensar.

“Péssimo”. Ele segura os meus pulsos e põe meus braços de lado. Ele se inclina para beijar o meu pescoço, e

então começa a banquetear-se com os meus seios. Meus olhos vibram fechados, enquanto eu me sacio com as crescentes ondas de prazer.

A língua dele estimula o meu mamilo e, em seguida, ele move a cabeça para agraciar o outro. O pelo no queixo dele arranha a minha pele lisa, me enchendo de uma das sensações mais prazerosas por mim conhecidas. O calor corre pelo centro do meu ser. Eu já

estou mais excitada do que em toda a minha vida.

Stonehart se move para me beijar entre os seios. Ele desliza a cabeça para baixo, percorrendo o seu caminho pelo meu corpo. Estou quase ofegando quando os beijos dele passeiam em direção ao local inflamado entre as minhas pernas.

Ele se levanta da cama e agarra

meus quadris para me trazer mais para
perto. Eu levanto minha cabeça para
olhar para ele. Nossos olhos se
encontram por uma fração de segundo.

“Deite-se”, ele ordena.

Sua voz rouca me faz sentir vontade
de obedecer e, embora eu queira ficar
olhando para os seus olhos bonitos, eu
faço o que me manda.

“Você já teve um namorado,

Lilly?””, ele pergunta.

“Eu—o quê?”

“Um namorado”, ele repete. “Você já teve algum?”

“Eu... sim, uma vez, mas o quê—”

“Vou fazer você esquecer tudo sobre ele”, Stonehart diz e abaixa a cabeça.

Eu me contorço sobre a cama, enquanto as ondas de prazer me

invadem. Ele me abre com seus dedos e suga o meu interior com sua língua.

Êxtase toma conta de mim.

Meus dedos se agarram na roupa de cama, à medida que uma onda após outra onda de prazer pulsa no meu corpo.

Começo a gemer sem querer. O som parece deixar Stonehart ainda mais estimulado. Sua língua se mexe rápido, indo em direção ao mais sensível feixe

de nervos que tenho.

“Oh, meu Deus! Oh, meu Deus!”, as palavras se convertem em um gemido convulso.

“Meu Deus”, ele toma fôlego. “Eu amo quando você faz esses sons.”

Minha resposta vem na forma de um soluço abafado quando ele mergulha sua cabeça novamente entre as minhas pernas.

Um bom tempo depois, eu posso sentir um desejo de urgência crescendo dentro de mim. Estou perto de chegar ao clímax. Stonehart parece senti-lo também, embora a maneira como ele faz não me permite imaginar. Ele redobra os esforços, concentrando-se no ponto onde eu desesperadamente preciso dele.

Minhas mãos voam para o cabelo dele, forçando-o a ficar mais perto, mais

apertado, mais *dentro*. Sou recompensada pelo golpe de ousadia com a chegada de um orgasmo.

Eu flutuo, indo além do quarto onde estamos. Deixo para trás cada sensação do corpo, menos a consciência constante da presença *dele* entre minhas pernas.

Quando volto a mim, abro meus olhos sonolentos e encontro Stonehart a me observar. Há uma expressão faminta

em seu rosto. A luz pálida lá fora ilumina suas pupilas, tornando-o infinitamente mais intimidador do que em qualquer momento anterior esta noite.

Mas não estou com medo. Nesse momento, sinto que ele não pode fazer nada de errado. Como ele conhece o meu humor, seu olhar intimidador suaviza. Ele não olha para mim como um captor que tem acesso à sua presa, mas

como um amante de verdade, parecido comido em vários aspectos.

Sei que isso é uma ilusão. Mas, por agora, estou inebriada demais por Jeremy para me preocupar com isso.

“Vou foder você agora”, ele diz, lentamente desafivelando o cinto. Sua ereção é visível, se despontando sob suas calças. “Lilly, isso não vai ser como antes.”

Eu concordo com a cabeça, sem saber exatamente o que ele quis dizer, mas mais preocupada com a atitude dele de cuidado. Enquanto ele tira a roupa ao pé da cama, tudo o que posso pensar é que belo exemplar da espécie humana ele é realmente. É evidente o cuidado que ele tem com o próprio corpo. A diferença de vinte e tantos anos que nos separa não interfere na paixão que ele consegue provocar em mim.

Ou, da mesma forma, que eu provoco nele. Nenhuma vez eu fiz nada para realmente seduzi-lo, mas parece que a simples imagem de mim é o afrodisíaco pessoal dele. Ou é isso, ou ele tem o desejo sexual de dez homens.

Seu pênis está enorme e aumentado pelo fluxo de sangue. Uma veia grossa pulsa pelo lado inferior. Mordo o lábio antes de ele se posicionar entre minhas

pernas e lentamente começar a me penetrar.

A penetração é diferente de tudo o que já experimentei. Primeiro, não estou lutando contra isso. Segundo, estou infinitamente pronta, mesmo depois do último clímax que me estremeceu.

Ele não está forçando sua aproximação sem considerar o meu prazer. Ele está *dividindo* alguma coisa

comigo.

Os quadris dele se inclinam até que ele todo esteja dentro de mim. Os olhos dele olham para mim em busca de um sinal de incômodo. Ele não verá isso. Meu corpo está pronto para dar as boas-vindas a ele da maneira como o agrada.

A aceitação implícita que dou a ele é suficiente para que ele comece a entrar e a sair de mim. Pequenos ganidos de

prazer saem dos meus lábios. Eles combinam com os grunhidos pesados dele. Os sons me deixam mais excitada do que as sensações físicas. Não demora muito para eu começar a implorar a ele que vá mais forte e mais rápido.

Ele concorda em um instante. O seu pênis vai bem fundo, me dando o suficiente para chegar ao ápice de um prazer incomensurável. Eu posso desfrutar essa sensação crescente pela

primeira vez.

Rapidamente, nossos corpos estão banhados de suor. Eu o alcanço e junto as mãos dele com a minha. Nossos dedos se entrelaçam. Isso parece tornar o que estamos fazendo mais real. Mais sólido. As sombras que atravessam o corpo de Jeremy são quase suficientes para fazer com que isso se pareça um sonho. Mas as sensações que crescem

em mim me fazem saber que não. Os sons que entram pelos meus ouvidos me fazem saber que não.

Jeremy sobe na cama e deita sobre mim. Suas mãos massageiam meus seios, enquanto ele aproxima sua boca da minha. Eu movo meus quadris no ritmo dele, fazendo tudo o que posso para extrair cada última gota de prazer.

Quando eu sinto que os músculos no

centro do meu ser começam a ficar rígidos, sei que estou me aproximando do meu segundo orgasmo da noite.

Stonehart se afasta um pouco. “Por Deus, Lilly”, ele resfolega. “Oh, meu Deus, você não sabe como isso está bom.”

“Sim, eu sei”, digo, apressando-o a continuar. Minha resposta sem sentido se justifica unicamente pelo fato de que

estou perdida em êxtase absoluto.

“Continue, Jeremy”, eu peço. “Assim. Desse jeito. Continue. Huummm, sim, sim, SIM!”

O último grito que sai da minha garganta é acentuado por um rugido pesado quando Jeremy para e libera o líquido sobre mim. Sêmen quente cai sobre minha barriga e seios. Estou tão envolvida com meu próprio prazer que não me dou conta.

Quando volto a mim depois do segundo grandioso e maravilhoso orgasmo, tudo o que posso fazer para que ele saiba o quanto eu gostei disso é enviar um emotivo e desajeitado sorriso largo para ele.

Ele apaga do meu lado, não dando a mínima importância para seu esperma espalhado sobre a minha pele. Sinto que o pênis dele dá um último toque forte

contra o meu umbigo. Eu seguro Jeremy bem apertado e fecho meus olhos, enquanto ouço sua respiração ir diminuindo ao pé do meu ouvido.

“Foi... espetacular”, ele diz, finalmente, levantando-se apenas o suficiente para pressionar nossas testas juntas.

“Eu estou... inclinada a concordar”, digo, imitando sem querer sua voz

ofegante. Seus olhos se estreitam por um breve segundo. Um sentimento horrível toma conta de mim. Estou com medo de que ele pense que estou zombando dele.

O medo passa quando ele sorri. “Vamos deixar você limpa”, ele diz, dando um beijinho nos meus lábios.

Então, ele me tira da cama e me carrega para o banheiro.

Capítulo Cinco

Eu acordo no outro dia na cama de Jeremy, me sentindo completamente revigorada e em paz com o mundo.

Há um pensamento, bem no fundo da minha mente, que me diz que eu não deveria me sentir assim tão cômoda, mas por agora eu escolho ignorá-lo.

Respiro fundo e encho meus

pulmões com o glorioso e fresco ar matinal. Meu corpo todo está lânguido, como se eu flutuasse em uma nuvem. A memória do que aconteceu ontem à noite me afeta e eu me permito um sorriso indulgente.

Eu me viro e abro os olhos—e sou tomada por uma explosão de ansiedade quando encontro a cama abandonada.

Repentinamente, a severidade do

que aconteceu ontem à noite se torna consciente.

Stonehart me trouxe para a cama. Para a cama *dele*. E eu me entreguei o suficiente não apenas para aproveitar a experiência, mas eu também adormeci nos braços dele em seguida.

Eu me lembro da maneira como eu repousei do lado dele e o deixei afagar meu cabelo enquanto eu começava a

dormir. Durante aquelas poucas horas—do momento em que ele me trouxe para o seu quarto até eu adormecer—tudo pareceu perfeito. Tudo foi *sentido* como certo. Como se eu pertencesse a esse lugar, ao lado dele, protegida nos seus braços.

Esses sentimentos são equivocados.

Ah, eles são muito estranhos. Como posso pensar isso sobre o homem que vem manipulando minha vida mesmo

antes de eu conhecer o seu nome?

Eu me sento e tento me acalmar. A última noite foi mais do que um equívoco. Foi *perigosa*. Eu não poderia estar escondendo nenhum bom sentimento sobre esse homem.

O fato de que eu o faça—ou melhor, que eu o tenha *feito*—me assusta. Estou sozinha nesse quarto agora, com o sol brilhando através das várias janelas,

mas me sinto mais perdida do que quando ele me deixou na penumbra.

Eu não tenho que gostar de nada do que Stonehart faça para mim. Será que levei meu papel de prisioneira perfeita muito longe? Poderia eu já ter estar me sucumbido à Síndrome de Estocolmo?

Mas não. Não. Não. Não. Acho que a Síndrome de Estocolmo ocorre quando a vítima tem sentimentos de empatia

pelo seu predador. E eu *nunca* permitirei a mim mesma sentir nenhum tipo de afeição por Stonehart.

E além do mais... não foi exatamente o que eu senti em termos de alegria depois da nossa transa? Quando pensei nele como Jeremy? Não como Stonehart, mas como *Jeremy*?

Eu sei que é assim que ele quer que eu o chame. E é o que eu faço, durante

minha fala, mas nunca tinha *pensado* nele pelo primeiro nome. Ele será sempre Stonehart. Frio, impenetrável e manipulador Stonehart.

O fato de eu ter baixado minha guarda o suficiente para pensar nele como Jeremy me assusta. Jeremy é o primeiro nome. Isso implica intimidade e comodidade.

É completamente o oposto do que eu

preciso sentir quando ele está comigo.

Onde ele está agora? Olho ao redor da sala, mas não há nem sinal dele. Ele, provavelmente, já foi trabalhar. Mas, não posso ter certeza. Ele pode muito bem estar em um desses muitos cômodos desta mansão, esperando para me emboscar da forma como ele fez quando partiu para os seus “três dias” de viagem de negócios.

Saio da cama e hesito antes de decidir sobre o que fazer. De repente, me sinto suja depois da noite de ontem. A culpa me parte ao meio por eu ter me permitido aproveitar tão facilmente o que nós fizemos.

Começo pela soleira da porta, mas paro e depois caminho para a janela. Eu tento ignorar a entrada secreta que sei que está escondida em uma parede. Não

quero pensar sobre o equipamento de vigilância que está lá.

Eu me inclino sobre uma fina coluna de metal e olho lá fora. Se Stonehart ainda estiver por perto, eu quero que ele ouça o meu movimento. Dessa forma, eu possivelmente não vou entrar em nenhuma fria por deixar o quarto sem que ele saiba.

Odeio como cada gesto que eu faço

tem que ser pensado com o cuidado de saber como *Stonehart* irá ver isso.

Coisas simples como descer à varanda se tornam um problema que eu tenho que considerar e pensar sobre, para me certificar de que isso não tomará um rumo errado.

Eu odeio isso, caralho!

Olho para o mar de vidro. Ele está alcançando todo o caminho até o

horizonte. Hoje é um dia de outono de
muita luz e bem bonito. Não há nenhum
sinal da tempestade que ameaçou ontem.
O céu não tem nuvens. O sol branco
brilha sobre a água, fazendo com que as
ondas e as cristas brilhem
majestosamente.

Eu identifico um pequeno veleiro à
distância. Vê-lo me faz sentir uma
pontada de saudade. O mar representa
liberdade. O vidro me separando dele é

um lembrete cruel de quão longe a liberdade está de mim.

Eu me pergunto quem está no veleiro. E me pergunto o que ele vê quando olha para o litoral. Quantas casas cercam a de Stonehart? Poderia alguém estar olhando para mim daquele veleiro, bem agora, sem que eu saiba?

Eu suspiro e viro de volta. Esses são pensamentos melancólicos.

Pensamentos depressivos. Mas eles combinam com o meu humor esta manhã.

Caminho de volta para a cama e chego ao poleiro. Olho para os lençóis desorganizados, outra lembrança de ontem à noite.

Mal posso acreditar que passei a noite nos braços de Stonehart. Que dormi na sua cama. *Por espontânea vontade.*

Ouço passos do lado de fora e olho para cima. Meu coração começa a disparar. Ele de volta? Ele me escutou mexendo? Será que—

Rose aparece, vinda do corredor.

Suspiro de alívio.

Ela sorri docemente para mim.

“Você está aí, querida”, ela diz. “Eu pensei ter ouvido você se levantar e caminhar. Você gostaria de um café da

manhã? Charles já pôs a mesa para você, mas posso trazer aqui, se preferir.”

Comer na cama de Stonehart me provoca uma imensa inquietação. Na verdade, ficar no quarto dele por mais tempo do que eu já fiquei também me incomoda. O convite de Rose é a oportunidade perfeita de sair daqui.

“Eu irei com você”, digo rapidinho.

Por uma fração de segundo, penso que vejo Rose me olhar com curiosidade. Então, ela se vira e o momento se perde.

“Então venha comigo”, ela diz, de maneira completamente formal.

Odeio quando sinto que tenho de estar em guarda na presença dela. Mas minhas novas suspeitas tornam isso necessário. Se eu me sentir à vontade demais com Rose, posso estar jogando

no sentido de ficar nas mãos de
Stonehart.

Eu ainda não sei o quanto Rose sabe
sobre a minha situação. É,
provavelmente, mais seguro errar por
precaução e supor que ela sabe o tanto
quanto Stonehart.

Eu a acompanho descendo as
escadas. Mesmo com o sol brilhando
através da mansão, isso não é o

suficiente para levantar o meu mau humor.

Eu *deveria* estar em êxtase. Estou autorizada a acessar a casa inteira. Eu só passei uma noite maravilhosa com um homem magnífico. Tenho alguém constantemente esperando por mim.

Mas... eu não posso me permitir estar feliz. A mudança no comportamento de Stonehart na última

noite veio sem aviso.

Se as circunstâncias da minha presença aqui fossem diferentes—se, por exemplo, eu estivesse livre para deixar a casa quando quisesse—isso seria o começo de um dia glorioso.

Mas a coleira apertada em volta do meu pescoço é um lembrete constante da verdade da minha situação. Não posso iludir a mim mesma achando que porque

Stonehart estava afetuoso e compassivo na noite passada, alguma coisa mudou.

Na verdade, as coisas estão mais parecidas do que nunca. Minha vida toda está sob controle. Estou aqui por causa de um contrato nojento. E ele— posso dizer—sabe exatamente o que está fazendo para ferrar com minha cabeça.

Na verdade, as coisas devem ficar piores do que parecem. Não tenho

estado perto de cavar nada sobre Stonehart que eu possa usar a meu favor. Eu pus fim à minha crescente amizade com Rose porque não posso ter certeza de suas alianças. Estou mais sozinha do que nunca e com medo de que eu possa estar perdendo minha determinação.

Há algo. É isso que me assusta mais sobre a última noite. E caí com tanta facilidade nos braços de Stonehart—não porque eu quis, mas porque meu corpo

me disse. Não tinha nada a ver com o contrato ou com a obrigação que eu tenho em relação a ele.

Aquiescer é supostamente a maneira de manter minhas liberdades, sendo assim, tenho a melhor chance de descobrir os seus motivos. Mas, na noite passada, esqueci todas essas coisas. Eu as esqueci quando Stonehart me expôs ao reino de prazer que ele pode trazer.

Uau. Eu me sento à mesa e expiro.

Isso é uma puta merda! Eu estou apenas intimidando a mim mesma? Não, não creio. Eu tenho tido precauções justificáveis. Não posso baixar a guarda na sua presença, como eu fiz na noite passada.

“Suco de laranja ou leite”, Rose pergunta. A voz dela me desperta do meu devaneio.

“Oh. Hum...” Olho para a comida pela primeira vez. Há uma omelete feita ao vapor, uns pedaços de torrada e um pedaço de toranja. “Suco de laranja é uma boa pedida, obrigada.”

“Só um momento”, diz Rose, voltando para a cozinha.

A visão e o cheiro da comida acordaram uma fome voraz em mim—provavelmente provocada pelas

atividades da noite passada. Eu pego o garfo e começo a levar tudo à minha boca, com uma atitude nada peculiar a uma dama.

Rose traz o copo de suco, sem puxar conversa. Ela o coloca sobre à mesa na minha frente. Eu evito olhar para ela. Posso sentir os olhos dela sobre mim e não posso aceitar a ideia de olhar para cima e ver seu rosto gentil, sabendo que eu tenho que me proteger dela.

“O Senhor Stonehart deixou um bilhete para você”, ela diz, pondo na minha frente um pedaço de papel fechado. “Vou sair do seu caminho por enquanto.”

O ar de sofrimento em sua voz é demais para eu ignorá-lo. Eu quase —*quase*—chamo para pedir que ela volte...

Mas eu perco a chance quando ela

sai da sala de forma decisiva.

Você não sabe de que lado ela está,
lembro a mim mesma. *Você não tem*
amigos aqui.

Se isso é verdade, por que eu me
sinto tão mal, deixando-a ir?

Para me distrair, olho a carta. Eu a
pego e abro, encontrando a familiar
escrita inclinada de Stonehart na parte
inferior.

Você não ganhará PCBs suficientes para ir ao baile de gala comigo no fim do mês.

Entretanto, se você se mostrar disposta, uma exceção pode ser feita para o dia.

- *J.S.*

E assim fui sugada de volta ao meu papel de prisioneira.

A última noite não significou nada

para ele? Não há nenhuma menção ao que fizemos na carta. Não há nada que reconheça o que compartilhamos.

É claro que não há!, digo a mim mesma com amargura. Você é uma tonta por esperar que haja.

A compaixão que ele demonstrou ontem foi claramente fingimento. Ele queria que eu baixasse minha guarda na presença dele. Para que eu me torne

mais dependente dele do que eu já sou.

Para perder cada traço de autossuficiência e depender dele para tudo, de proteção a gratificação emocional.

Foda-se!

Eu amasso o bilhete em um ímpeto de raiva e o jogo longe. Isso tudo faz parte dos jogos mentais dele.

Odeio como eles estão me afetando.

Eu empurro para o lado o resto do meu café da manhã e saio da varanda. Cada passo que dou irradia as chamas de raiva que crescem dentro de mim.

A maior parte disso é autodirigida. Como eu pude ser tão fraca? Como eu pude ser tão *estúpida*, a ponto de esperar que a noite passada mudasse algo?

Eu sei melhor do que isso. Eu

deveria saber melhor do que isso.

E, no entanto, uma pequena parte de mim, lá no fundo, espera que as coisas possam ser diferentes.

Estou tão desejosa de atenção por estar privada do contato humano há tanto tempo? Foi por isso que sucumbi tão facilmente ontem à noite? Não posso enganar a mim mesma e dizer que eu estava *fingindo*. Foi mais do que isso.

Eu senti...

Realmente.

Putá merda! Putá merda, Lilly!

Começo a caminhar pela varanda,
minha mente correndo a cem
quilômetros por hora. A noite passada
não foi real. As emoções que senti não
foram adequadas. Elas não são
aceitáveis de forma nenhuma.

A facilidade com que caí na

armadilha de Stonehart me faz pensar que estou subestimando Stonehart desde o começo. É uma coisa horrível de se admitir. Isso não contribui de forma alguma para aumentar a confiança na minha habilidade de julgar as pessoas.

O que aconteceu com a Lilly que se orgulhava de sua educação em Psicologia? O que aconteceu com a garota que ganhou o Prêmio Barker por ter escrito o melhor ensaio de Yale?

A menos que... Um horrível, um mau pressentimento se forma nas minhas entranhas. E se o fato de vencer aquele prêmio não tiver nada a ver com talento? E se—de alguma maneira—Stonehart manipulou os acontecimentos para me fazer ganhar?

Caio na cadeira como se tivesse sido puxada. O pensamento é ridículo, claro. Estou ficando paranóica.

Stonehart não pode ter influenciado a decisão do comitê de seleção de Yale. E, além do mais, se Robin não tivesse encontrado o meu texto, se Fey não tivesse conspirado para entregá-lo em meu nome...

Mas, novamente, eu vi as coisas que Stonehart é capaz de fazer. Se ele foi tão longe só para me fazer assinar um contrato de escravidão—um contrato que eu *sei* que é completamente

supérfluo, e que eu nunca sustentaria em um tribunal—, como posso ter certeza de que ele não tem manipulado minha vida por muito mais tempo?

Ele é um dos homens mais poderosos e discretos do país. Quão longe vai a sua influência? Poderia ele ter manipulado a seleção, de alguma forma, para garantir que eu seria a vencedora?

Essa ideia toda parece tão improvável que, se eu a tivesse ouvido em qualquer outro momento teria dado risadas. Mas Stonehart me disse que ele é o dono da Corfu Consulting. Ele *deve* ter sido o único a dizer-lhes para estender a oferta de estágio para mim. E a transição para o trabalho em período integral também. Quem mais poderia ter ouvido falar sobre uma “jovem promissora” que teve os planos dela

interrompidos?

A única maneira de isso fazer sentido é considerar que ele tem manipulado minha vida há muito tempo. Ele é o dono da companhia que me ofertou emprego. Ele é o dono da empresa para a qual eu estava criando a campanha de marketing.

É mais do que coincidência. O acordo de trabalho me fez deixar Yale.

Ziltech me empurrou para um limbo completo. Isso me fez aceitar o convite para encontrá-lo, o que levou ao jantar, ao drinque...

Oh, meu Deus!

A possibilidade que tem pairado sobre a minha mente desde ontem vem à tona com toda velocidade.

Stonehart me perguntou por que eu vim para a Califórnia. Ele estava

brincando comigo. Ele não disse isso abertamente, mas a resposta estava clara:

Eu vim à Califórnia por causa dele.

Há quanto tempo ele estava planejando a minha captura? Há quanto tempo ele tem agido às escuras? Ele tem uma vida inteira de experiência em manipular as pessoas.

E eu pensei que poderia competir?

Eu zombo com amargura. Se

Stonehart levou tempo para planejar meu rapto, estou certa de que ele também planejou exatamente como minha permanência aqui vai progredir. Ele é um sociopata. Emoções não desempenham papel no seu raciocínio.

Eu li uma vez que os homens de negócios mais bem-sucedidos são pessoas que não possuem a capacidade

de empatia. Essa descrição cai em Stonehart como uma luva.

Isso significa que a noite passada não foi uma coisa de momento. Não para ele. Tudo foi planejado, do mesmo modo como ele planejou tudo o mais. Ele fez isso para me deixar exatamente no estado mental em que estou agora.

Estou tão frustrada que poderia gritar. Que chance eu tenho, realmente,

de minar a força dele? Stonehart tem todas as vantagens. E eu tenho... o quê? Um senso enfraquecido de autoestima? Uma necessidade fracassada de independência? Um espírito que faz de mim um ser um pouco mais difícil de se render do que alguma outra garota?

Estou prestes a chorar. O que ele tem não são vantagens. São simplesmente traços de caráter. E se Stonehart tem me vigiado por tanto

tempo, como suspeito, ele já sabe tudo sobre mim.

O que é pior é que ele já tomou conhecimento disso e, provavelmente, decidiu como lidar comigo com base no que sabe de mim, além de tudo.

Esse sentimento de desespero me absorve, à medida que cresce dentro de mim. É o mesmo desespero que senti quando ouvia os gritos pelo meu nome

se tornarem fracos quando estava presa naquele buraco quando garota.

Quem eu sou para Stonehart? O *que* ele quer de mim? Se é apenas sexo—eu zombo—ele poderia ter contratado uma prostituta para isso. Inferno! Ele contratou *três* para nós dois há uma semana.

É essa outra coisa sobre a qual nós falamos: o desejo dele de vingança?

Mas isso não pode, possivelmente, se aplicar a mim. Eu nunca fiz nada para ele.

E que tal a emoção de estar no controle? Ele já conquistou o mundo dos negócios. Talvez essa coisa toda seja apenas o próximo passo para ele. A coleira, o contrato, meu imenso sentimento de impotência: talvez seja apenas um jogo. Um jogo que ele está jogando para encontrar a emoção que

ele não encontra em outras áreas da vida dele.

Então... o que virá depois? Um calafrio corre pela minha espinha.

Quando ele tiver conseguido o que quer de mim... ele irá, realmente, me soltar?

Ou ele fará algo pior? Quando ele ficar cansado do seu joguinho... ele poderia estar disposto a *matar*?

Uma coisa branca do lado de fora

da janela me deixa alarmada. Olho para cima, com o coração disparado, e vejo uma pomba assentada no caminho.

Nunca vi uma pomba na vida real. Eu me levanto e me movo devagar para não assustá-la. Duvido que ela possa me ver, por causa do reflexo da luz do sol, mas não quero correr o risco.

Caminho em direção à parede de vidro e dou de cara com ela. Eu ajoelho

e assim fico no mesmo nível da ave.

É quando me dou conta de que há uma coisa estranha com a ave. Suas penas estão eriçadas e, enquanto sua cabeça se move ao redor, não parece estar disposta a caminhar para lugar nenhum.

Então, logo que ela vira a cabeça para o lado, vejo que uma das asas está torta. O pássaro dá um pequeno passo

para frente e começa a abrir suas asas, como se fosse voar—e para. A asa eriçada não colabora.

Imediatamente, me dou conta de que deve estar quebrada. Como? Talvez um falcão? Olho para o céu e não vejo nada lá em cima.

Meu coração se apieda do pobre pássaro. Ele faz uma nova tentativa de voar. Essa última termina de forma

infrutífera, como a primeira.

O que acontece com pássaros que não conseguem voar? Onde eles encontram comida? Elas não conseguem. Ou conseguem? E qualquer ataque acontece lá fora. O pequeno pássaro branco é, na falta de uma palavra melhor, um desprotegido.

Isso sela minha decisão. Preciso ajudar. Olho para a porta de vidro.

Ainda que eu a abra e alcance lá fora com um braço, não estarei perto o suficiente. E eu não posso, simplesmente, tatear com uma mão para tentar pegar o pássaro. Ele vai ficar com medo e, provavelmente, machucar-se ainda mais tentando fugir.

Tenho que chamar Rose.

“Fique aí”, eu sussurro para a pomba. “Eu voltarei logo e vou cuidar

de você”.

Corro para a casa principal com um propósito recém-descoberto. “Rose? Rose! Rose, onde você está?”

A velha mulher sai apressada de um dos cômodos. “Sim, Senhorita Ryder!”

“Preciso da sua ajuda”, digo rapidamente. “Depressa!”

Sem esperar para ver se ela viria mesmo, volto para trás e corro para a

varanda. Eu sorrio quando ouço os passos dela bem atrás de mim.

“O que há, querida?”, ela pergunta, com a ansiedade marcando sua voz. “Há algo de errado?”

“Você verá”, eu digo, aumentando os passos.

Nós entramos na varanda. Meu coração se contrai quando olho para o lugar onde deixei a pomba e o encontro

vazio. Mas logo depois vejo o pássaro a poucos metros do outro lado. As penas dele estão ainda mais eriçadas agora, como se ele tivesse acabado de se defender de um novo ataque.

“Lá”, eu digo, apontando para a pomba. “Eu a vi cair do céu. Acho que uma das asas dela está quebrada.”

“Oh, querida”, Rose murmura. Ela me segue até à janela. Nós paramos em

frente à pomba.

Ela parece tão vulnerável. Tão desprotegida. Tão... sozinha.

É tão fácil para mim me identificar com essa situação!

“Vê?”, eu pergunto, apontando para a asa. “Eu acho que está quebrada. Você não acha?”

“Não sou uma *expert* em animais, Senhorita Ryder”. Rose encosta o nariz

no vidro, enquanto nós duas nos agachamos. “Mas acho que você está certa.”

“Nós temos que fazer alguma coisa, não temos?”, eu pergunto. Olho para a porta. “Eu não posso—você sabe que não posso ir lá fora”. Eu movimento a coleira de uma maneira vaga.

Rose olha para mim como se estivesse me vendo pela primeira vez.

Ela não para de olhar por um longo período, o que começa a me deixar incomodada.

“Lilly”, ela baixa o tom de voz. “Me diga a verdade. Você está aqui porque você *quer* estar?”

A pergunta me deixa chocada. Eu quase caio para trás. “O quê?”

Rose faz um pequeno movimento com a cabeça em direção ao teto, para

me lembrar das câmeras escondidas lá em cima.

“Você está ficando conosco por sua livre vontade?”, ela pergunta. Sua voz é tão baixa que alcança apenas os meus ouvidos e nossas cabeças estão praticamente coladas uma na outra.

Eu hesito. Essa é um pergunta perigosa. Eu sei que tenho que pisar com cautela.

Tento encontrar no rosto dela algum sinal de falsidade, mas tudo o que encontro é aquela expressão doce e maternal.

Eu decido imediatamente que posso confiar nela. Rose não é cúmplice do meu aprisionamento. Ela não está do lado de Stonehart. Não sei que tipo de relacionamento eles têm, mas não posso acreditar que a mulher que me mostrou

tanta candura possa estar conspirando para me manter aqui.

Depois de uma pausa longa, nego com a minha cabeça.

A expressão dela muda imediatamente. Alguma coisa parecida com determinação brilha nos seus olhos.

“Eu sabia disso”, ela diz em voz baixa. “Eu sabia disso desde a primeira vez que Jeremy me falou de você.”

A falta de formalidade ao se dirigir a Stonehart pelo seu primeiro nome me surpreende. Isso deve ser o sinal de incômodo de Rose com a revelação.

Ela começa a se levantar. Agarro sua mão. Meus olhos estão implorando a ela, como se eu dissesse: “Por favor, não diga a ele que eu lhe contei isso.”

Rose me observa por um momento... e, então, me responde com

um breve não. “Eu nunca extrapolei o meu limite com você, extrapolei?”, ela me pergunta calmamente.

Balanço a cabeça. Sinto lágrimas brotarem nos meus olhos. “Não”, eu digo. Minha voz para. “Não, você foi maravilhosa.”

Ela estende a mão para mim e me ajuda a levantar. “Venha”, ela diz.

“Acho que posso encontrar uma caixa de

sapato que poderá ser uma ótima casa
para nossa pequena amiga.”

Capítulo Seis

Uma hora ou mais depois, estou sentada com as pernas cruzadas na minha cama, olhando para o pequeno pássaro na caixa de papelão. Rose forrou as laterais com toalhas macias e nós pusemos uma gaiola improvisada no alto para permitir a entrada de ar e luz do sol, garantindo que a pomba não

escape.

Eu decidi que o pássaro é “ela”. Eu não sei exatamente o que pássaros selvagens comem, então eu pedi a Rose que espalhasse um punhado de sementes diferentes na parte inferior da cozinha. Num canto há um prato raso com água. Como a pomba não se move totalmente, eu não quero dar a ela nada onde possa cair e se afogar.

Examinando mais de perto, descobri que sua asa não estava quebrada, mas apenas com uma distensão. Ou, pelo menos, achei que é isso. Não é preciso fazer nada com o osso, em ambos os casos, e isso me deixa contente porque significa recuperação rápida.

Não sei como Stonehart reagirá quando descobrir que eu abriguei um pássaro machucado. Espero que ele não

tome isso como uma transgressão flagrante de sua autoridade. Meu mantra, pelo menos nessa situação, é que se isso não representa nada explícito contra as regras, então é permitido.

Além do mais, preciso de algo que me mantenha sã. Não tenho nenhum estímulo mental. Cuidar do pássaro me permite me ocupar com algo. Isso me dá um propósito mais definitivo do que desafiar Stonehart.

Ponho de lado as tesouras que estou segurando e olho para a minha criação. Peguei uma meia longa, no meu armário, e fiz um buraco nela. Descobri que se eu pusesse isso sobre a pomba, evitaria que ela mexesse sua asa enquanto é curada.

Eu me agacho para pegar a ave, levantando a tampa de metal, e a seguro gentilmente com as mãos. É óbvio que ela está com medo de mim. Posso senti-

la tremendo sob meus dedos.

Eu me inclino sobre ela e sussurro:
“Shh. Shh. Está tudo bem. Não vou
machucar você.”

Não sei quão úteis são minhas
palavras de consolo, mas elas *me* fazem
sentir melhor, em todo caso. Eu protejo
a pomba em uma das mãos e visto a
meia no corpo dela com a outra mão.
Ela luta um pouco contra o

confinamento, mas quando a meia se firma no corpo, ela para de lutar.

“Aqui está”, eu digo, gentilmente, pondo-a de volta na toalha macia. “Eu sei que você não gosta disso, mas é para o seu bem. Desse jeito, você vai ficar curada logo.”

Olho para cima. O sol ainda está brilhando lá fora. Eu descubro que a pomba provavelmente preferiria ficar na

luz. Então, movo a caixa e puxo a cadeira para mais perto da janela.

“Você será livre novamente, pequeno pássaro”, digo com nostalgia, olhando para o enorme oceano. “Você estará livre de novo, em breve, ao contrário de mim.”

Capítulo Sete

Não tendo mais nada a fazer, resolvo ir ao porão onde fica a academia de ginástica. É apenas o começo da tarde. Mas faço questão de dizer a Rose onde estou, assim ela pode transmitir a mensagem a Stonehart, no caso de ele aparecer mais cedo do que o esperado. O olhar que Rose me dá me

diz que ela entende perfeitamente a minha precaução.

Na metade do caminho, me lembro do meu desejo de ver se tenho alguma roupa de banho.

Volto para o meu quarto, vou ao armário e encontro exatamente o que eu estava procurando. É uma coisa mínima, feita de tecido branco mais macio do que tudo o que já encontrei em roupa de

banho. Vejo a etiqueta Norma Kamali e imediatamente tudo faz sentido.

Eu o visto. Ficou perfeito. Surpresa, surpresa! Eu visto uma camiseta por cima e desço as escadas.

Mergulho na água. Está quente e limpa. O cheiro de cloro me remete às piscinas públicas onde, às vezes, minha mãe me levava quando eu era garota.

Nunca fui uma grande nadadora.

Nunca gostei muito de água, na verdade.
Mas alguma coisa que desafia a
gravidade me atrai nesse momento.

Quando entro no extremo mais
profundo da água, vejo a mim mesma
aproveitando a sensação de estar quase
sem peso. Eu faço um nado cachorrinho
para o outro lado. Então, lembrando as
Olimpíadas do último verão, tento um
nado de peito no caminho de volta.

É um pouco amedrontador no começo, especialmente quando eu engasgo acidentalmente com um pouco de água. Entretanto, eu consigo aprender depois de algumas tentativas. Bem rápido, estou nadando. E, finalmente, proporcionando aos meus músculos alguns exercícios necessários.

Eu perco a noção do tempo. Os exercícios oferecem um alívio de

contentamento que deixa minha mente vazia. Quando chego a sair da piscina, meu corpo está cansado, mas bem. Relaxado, mesmo, diga-se de passagem.

Creio que isso são as endorfinas de que as pessoas sempre falam.

Eu me seco com a toalha que trouxe comigo, prendo-a sob as minhas axilas e começo a subir as escadas. Assim que abro a porta de vidro, me deparo com

um vulto escuro me observando de cima.

“Jeremy”, eu exclamo, com o coração acelerado. “Não vi você lá. Há quanto tempo você está esperando?”

“Não faz muito tempo”, ele responde. Há uma inflexão fria na sua voz de que não gosto. “Você gostou da água? Eu não sabia que você gostava de nadar.”

“Sim, estava muito boa”, eu

respondo com cuidado, subindo as escadas e chegando ao lado dele.

Ele olha para mim de uma maneira pensativa. “E voar?”, ele pergunta. “O que você acha de voar?”

“Voar é... legal?”, eu digo, sem saber o que responder. “Por quê?”

“Ah, só por curiosidade”, Stonehart encolhe os ombros. Com aquelas palavras, eu *sei* que ele está zombando

de mim.

“Eu tive um excelente dia de trabalho”, ele me diz assim que começamos a descer pelo corredor juntos. “Você consegue descobrir o porquê?”

Poderia ele estar se referindo à noite passada? Ele pode estar, mas eu não quero desrespeitar a mim mesma sugerindo isso. Nem tampouco estou

particularmente interessada em deixá-lo ver o quanto isso tem estado na minha mente.

“Não”, eu digo.

“Não”, ele ri. “E eu tomava você por um tipo inteligente. Mas sua hesitação é compreensível. Pelo que pude perceber você também teve um dia produtivo.”

Há uma pequena sugestão de

ameaça nas palavras dele, mas o porquê eu não consigo imaginar.

“Não sei o que você quer dizer”, eu digo.

“Ah, eu acho que você sabe”, Stonehart responde. Eu quase tive que correr para conseguir seguir os seus passos largos. Ele não olha para mim enquanto fala; em vez disso, ele olha para frente. “Imagine a minha surpresa

quando eu vim para o meu quarto e você não estava lá.”

“Eu pedi a Rose que dissesse a você—”, falo rapidamente. Ele fala bem acima de mim.

“Ah, sim. Eu recebi o seu recado. Não se preocupe, Lilly. Você não me chateou. No fim das contas—”, ele lança um olhar para mim, pela primeira vez, e os olhos dele brilham com uma faísca de

ameaça, “—eu sei muito como você está desejosa em desempenhar o seu papel.”

Eu paro e o encaro por um momento. Então, tenho que correr para alcançá-lo, visto que ele segue caminhando.

“Na verdade”, ele continua, “pensei que eu deveria recompensar o seu bom comportamento com um PCB. Você tem a minha nota essa manhã. Posso confiar?

“Sim”.

“Então você sabe quão pequenas são as chances de você ganhar outros vinte PCBs antes do fim do mês. Ainda assim, não faria sentido desistir agora, faria? Quero dizer”, ele dá uma risadinha de escárnio, “—nós ainda temos que tentar.”

Entramos juntos na sala de jantar. O relógio na parede mostra que são seis e

quarenta. A mesa está vazia.

Stonehart puxa uma cadeira. “Sente-se, Lilly”, ele instrui.

Passo atrás dele e me sento. A minha intuição me diz que algo está errado.

Eu sei como as aparências são importantes para Stonehart. Ele jamais me deixaria sentar à mesa de jantar enrolada em uma toalha.

“Então”, ele diz, caminhando para o outro lado. Ele põe um copo de uísque que pega no armário, antes se virar para olhar para o meu rosto. “... Você concorda que se esforçar para ganhar o máximo de PCBs possíveis seria uma boa prática padrão para você, ou não, Lilly?”

Eu demonstro um pouco de inquietação sob o seu olhar penetrante.

Não sei aonde ele quer chegar com isso.

Mas parece um tema perigoso para se discutir.

“Sim”, respondo, suavemente.

“Pensei mesmo que seria”, ele concorda com a cabeça. Ele mexe a bebida no copo. “Agora, pense sobre isso, Lilly. Imagine que eu venho para casa um dia e encontro uma infestação de insetos. Eu não sabia que isso estava

lá antes. O que você acha que eu devo fazer?”

“Insetos?”, eu pergunto, sem compreender...

“Sim, Lilly, *insetos*”, Stonehart diz com irritação. O copo na sua mão bate na mesa com força quando ele o solta.

“Insetos na minha bonita e impecável casa.”

“Eu... Eu não sei, Jeremy”. Nunca

vi Stonehart claramente com raiva, exceto quando joguei a garrafa de vinho nele. Agora, acho que ele está quase igual.

“Por quê? Não faria nada. Não consigo pensar em nada—”

A menos que... Ele não pode estar falando sobre a pomba, pode?

Não, claro que não. Ninguém chamaria aquele belo pássaro de

“inseto.”

“Pense, Lilly. Pense. Aquela porra de educação em Ivy League deve ter dado a você alguma coisa boa. Use-a!”

Agora ele está definitivamente irritado. Estou muito agradecida pela mesa nos separando. Vestida como estou, me sinto mais exposta do que o habitual.

“Você teria—você teria que se

livrar deles”, eu digo. Não consigo fazer minha voz parar de tremer. Nada disso é fingimento de minha parte. Eu estou verdadeiramente assustada agora.

Stonehart para e olha para mim. Um sorriso crescente se forma em seus lábios.

Ele volta ao normal.

“Sim”, ele diz. “Sim, é exatamente isso o que eu faria, Lilly. Muito bem.

Parece que você possui uma espécie de bom senso nessa sua linda cabecinha, apesar de aparentar o contrário.

Aparentar o contrário? O que ele quer dizer com isso?

Não tenho a chance de duelar sobre a pergunta, visto que Stonehart gira a cadeira e se senta de lado, com um braço solto para o lado.

“Rose?”, ele chama. “Oh, Rose, não

seria amável de sua parte vir e servir o jantar para Lilly?”

Logo depois, a velha mulher sai da cozinha. Stonehart a observa como um falcão.

Imediatamente, vejo que os olhos dela estão vermelhos e inchados, como se estivesse chorando.

Um alerta cresce dentro de mim. *O que está acontecendo?*

Ela tem uma pequena bandeja de prata nas mãos. No meio há um prato, coberto por uma tampa de metal reluzente.

Rose mantém os olhos baixos enquanto carrega a bandeja para a mesa. Quando ela a deixa na minha frente, vejo que suas mãos estão tremendo.

“Sinto muito”, ela sussurra com um fôlego só. As palavras são tão delicadas

e vêm tão rápido que meu cérebro leva um segundo a mais para compreender. Mas o tempo que levo, Rose já se foi.

Apreensão toma conta de mim quando olho para o prato coberto. Stonehart espera até que Rose saia da sala e, então, diz: “Abra, Lilly”.

Minha mão está tremendo quando alcanço a tampa. Eu a levanto, esperando pelo pior...

E encontro exatamente o que eu esperava.

Eu perco a força na mão e a tampa cai no chão.

Posta no meio do prato, rodeada por um punhado de vegetais cozidos, está a pequena e distinta forma do corpo de uma pomba. Recheada e frita.

E, como se não bastasse, uma construção taxidérmica está montada

exatamente onde deveria estar a cabeça.

Minhas tripas se movem com violência, em um misto de repulsa, nojo e descrença. Antes de lidar com isso, estou vomitando o meu café da manhã. Eu viro e o vomito todo no chão.

Stonehart me observa com uma expressão triunfante de satisfação. Posso sentir os seus olhos maus sobre mim, enquanto os vômitos secos balançam o

meu corpo.

Quando estou finalmente refeita,
com os meus olhos lacrimejando, vejo a
pomba ainda lá, bem na minha frente.

Não posso acreditar que ele faria
isso. Não posso acreditar que ele seria
tão *cruel*. Era só um animal que eu
peguei e comecei a cuidar. E ele...
ele...

Ele o matou, cozinhou e o serviu

para mim.

Stonehart caminha devagar em volta da mesa. Ele faz uma careta quando olha para o vômito sobre o piso e dá um passo largo para se desviar daquilo.

“Sorte que você não estava usando sapatos caros”, ele comenta.

Aquelas palavras quase foram o suficiente para me fazerem ceder e chorar.

Mas *não chorarei*. Não vou dar a ele a satisfação de obter mais nenhum prazer dessa façanha perversa.

Eu me esforço para me sentar eretamente. Olho para cima e encontro os olhos dele, enquanto pisco em meio a lágrimas.

“Agora o quê?”, pergunto. Sinto uma onda de orgulho por ver como a minha voz está firme.

“Agora, penso que é hora de você ter o seu jantar”, ele engancha um dos dedos na minha coleira e me puxa para perto dele. “Ou talvez você preferisse que reativássemos *isso*?”

“Não”, eu digo com firmeza. Ele me solta. Eu pego minha faca e garfo. Não suporto olhar para a cabeça da pomba me encarando. Os olhos dela estão abertos, meus Deus do céu, e parece que ela ainda está viva.

Stonehart arranca a cabeça para fora da carne. Ele a enrola entre as mãos através do fio que sai debaixo dela.

“Charles me garantiu que cozinhar o pássaro mataria quaisquer doenças que ele estivesse carregando”. Ele caminha em volta da mesa e olha para mim. “Não temos nenhuma preocupação, pois não há o risco de sua saúde estar sendo comprometida por essa refeição.”

Eu lanço o mais desgostoso sorriso que posso oferecer a ele. “Isso é muita consideração de sua parte, Jeremy”, eu digo.

“Claro”, ele se senta de volta. “Nós não íamos querer você fora de comando e incapaz de cumprir suas obrigações comigo, iríamos?”

“Não”, eu digo. Posso sentir o gosto do vômito na minha língua, mas lambo

os lábios de toda forma, como se estivesse prestes a provar um jantar delicioso. “Você poderia perguntar a Charles se ele tem um pouco de água para mim? Odeio criticar a comida dele, mas a carne parece um pouco seca.”

Algo semelhante a descrédito brota no rosto de Stonehart, mas passa rápido.

“Claro”, ele diz, secamente. Ele se levanta e caminha até a cozinha.

Quando estou só, olho para o prato novamente. Sinto tanto pelo pássaro! Ela estaria viva se não fosse por minha causa.

E agora eu tenho que *comê-la*. Eu tremo. Mas eu posso fazer isso. Tudo o que tenho que fazer é fingir que estou comendo um pequeno frango. Um pedacinho de frango, isso é tudo. Nada assustador ou errado quanto a isso.

Obrigada, Deus, por eu não ter dado um nome à pomba, porque teria sido muito mais doloroso.

Stonehart volta um pouco depois com um copo de água. Eu tiro rápido os olhos do prato e olho para ele.

Ele põe o copo na minha frente e tem a cabeça da pomba na outra mão.

Ele caminha em volta da mesa, se senta e se inclina para me assistir.

“Coma”, ele ordena.

Eu dou um sorriso. “Com prazer”, eu digo, e corto a carne.

Eu tenho que lidar com isso como um jantar normal. Agora que o choque começou a passar, estou mais preparada para enfrentá-lo—e encarar Stonehart—com a força que sei que tenho.

Ele me observa de perto, sem dizer uma só palavra, quando levo o primeiro

pedaço de carne à boca. Eu dirijo a mim mesma uma pequena fala de encorajamento, dizendo que a pomba está em um lugar melhor, e dou a primeira mordida.

A carne parece borracha e não tem sabor. Ainda que eu tenha pedido a água como por ofensa, sou agradecida de tê-la aqui agora. Não tem como engolir sem ajuda de água.

Cada pedaço de carne que me obrigo a mastigar é uma luta, mas não quero deixar Stonehart perceber isso. Na verdade, agora que estou na metade, posso vê-lo começando a parecer desapontado.

Estou contente. Isso significa, pela primeira vez, que eu me dei uma vantagem. Stonehart esperava com isso me torturar. Não demonstrando a ele

essa reação, eu o frustrei.

Quando meu prato está finalmente limpo, Stonehart lança um olhar de nojo. “Tome o seu PCB de merda”, ele cospe saliva, jogando a cabeça da pomba pela mesa. Ela se move apressadamente sobre o carvalho escuro e para bem do lado do meu prato.

Então, ele se levanta e sai da sala pisando duro.

Quando fico só, permito a mim
mesma pensar que talvez, talvez... são
dois pontos para Lilly Ryder.

Capítulo Oito

Eu me retiro em silêncio para o meu quarto. Se eu não conhecesse melhor a Stonehart, diria que acabo de vê-lo fazer uma birra.

O pensamento me entusiasma. Saber que sou capaz de afetá-lo, nem que seja de uma maneira singela, me enche de força.

Ele estava esperando pela minha reação. Ele não esperava que eu fosse comer o pássaro com tão pouco esforço.

Vou admitir que exigiu muito de mim comer aquela refeição. E para continuar comendo. Mas eu sabia que Stonehart queria me ver relutante. Ele queria me ver desconfortável e sofrendo.

Ele não conseguiu nada disso.

E pobre Rose! Stonehart deve tê-la punido também, fazendo com que ela obedecesse a sua ordem. Ela definitivamente tinha chorado.

Quando estivermos só nós duas na casa, da próxima vez, falarei com ela. Não quero fazer isso com Stonehart por perto.

Tomo um banho rápido para tirar o cloro da minha pele, visto uma calça

esportiva de algodão e uma blusa estilo colegial com capuz. Estou sempre encantada com as coisas que encontro no meu armário.

Em seguida, me deito na cama e olho para a janela. Desligo as luzes e assim posso olhar a escuridão do oceano sem nenhum reflexo prejudicando a minha vista.

Sinto uma pontada de tristeza e de

culpa pela pequena pomba. Se eu não a tivesse pegado, talvez ela estivesse viva. E me senti bem, ainda que por um curto tempo, por ser responsável por uma coisa viva que não seja eu mesma.

Stonehart não gostou disso, claro. Talvez porque a pomba representasse algo que não fosse ele mesmo que tivesse dado a mim. Ele está fazendo de tudo para que eu seja dependente dele. O pássaro era algo fora do seu controle

e por isso o ameaçou.

O que virá depois? Apesar de ter acesso completo a essa casa, não quero estar em nenhum outro lugar que não seja esse. A varanda parece que me pertence. O restante da casa é dele. Esse pequeno recanto é meu.

Eu solto uma gargalhada. Não há nada de pequeno aqui!

Eu me pergunto se Rose ainda está

aqui. Logo depois—falando dela...—eu ouço passos se aproximando e me viro para vê-la entrando, agitada.

“Senhorita Ryder?”, ela sussurra.

“Você está acordada?”

“Estou aqui, Rose”, eu digo. “E, sim. Ainda estou acordada.”

Ela dá um grande suspiro de alívio.

“Ai, graças a Deus”. Ela vem até à cama e olha para o lado. “Posso?”

“Oh, claro”, eu digo, puxando os lençóis para o lado para que ela se sente.

Ela se senta e arruma suas saias.

“Não sei como dizer isso”, ela começa com incerteza na voz.

“Ok, Rose”, eu digo a ela. Eu estendo o braço e pego a mão dela. O gesto a faz sorrir de tristeza. “Você não poderia ter feito nada. Você não deve

culpar a si mesma.”

“Foi horrível, uma coisa odiosa que ele fez”, diz Rose. Dou um pequeno suspiro, pensando nas câmeras, e Rose prossegue: “Oh, deixe que ele nos ouça. Eu fiz minha opinião ser conhecida imediatamente, pelo bem que isso possa nos fazer.”

“Posso lhe perguntar uma coisa?”, eu tento com cautela. Rose consente e eu

continuo com uma voz mais baixa do que um sussurro. “Há quanto tempo você conhece Sto—Jeremy?”

“Oh”, ela suspira. “*Isso* é algo que ele provavelmente não quer que você saiba”. Sua voz fica mais forte e ressoa pelo quarto. “Mas eu não tenho problema nenhum em responder perguntas sobre minha vida com a *verdade*”. Ela enfatiza a palavra.

“Conheço o Jeremy Stonehart por quase

vinte anos, Senhora Ryder.”

A quantidade de anos me
surpreende. “O que significa que você o
viu... que você o viu...”

“Eu o vi chegar ao topo, sim. Eu não
estava sendo desonesta quando lhe disse
que eu nunca tinha visto Stonehart tão
contente como quando você entrou na
vida dele. Mas ele não tem o direito de
fazer o que ele fez hoje. Nenhum

direito!”

“Rose, shh”, eu a acalmo. “Está tudo bem. Realmente, está tudo bem. Já lidei com coisa pior.”

“Pobrezinha”, diz Rose. “Eu vi como você foi gentil com a pomba. Quão doce! Achei que isso iria lhe fazer bem, tendo uma coisa para cuidar. Mas quando ele veio para casa, ele viu a caixa... e ele ficou com tanta raiva...”

Rose se rompe em pequenos soluços que tomam conta dela. Nunca a vi assim tão emotiva.

“Venha aqui”, eu digo. “Shh, shh. Está tudo bem”, eu murmuro, dobrando meus joelhos e envolvendo meus braços em torno dela, em forma de um abraço. Ela continua chorando sobre os meus ombros. “Rose. Rose. Está tudo bem. Eu não a culpo. Não foi culpa sua.”

“Oh, mas eu fui”, ela diz entre as lágrimas que caem. “Quando ele veio para casa, foi direto encontrar você. Se eu o tivesse parado... eu teria evitado...”

“Jeremy teria encontrado a pomba de todo jeito”, eu digo resoluta. “Rose, não quero que você se culpe por nada. Eu a proíbo.”

“Você é doce”, ela diz, soluçando.

“Tão doce. Me permite ser franca...?”

Faço-lhe um pequeno sinal de consentimento.

“Você não merece, de jeito nenhum, nada do que Stonehart tem feito a você. Não consigo pensar em ninguém que mereça ser tratado desse jeito.”

A sinceridade dela me surpreende.

“Rose, eu... lhe agradeço”, digo, enxugando a umidade abrupta nos meus

olhos.

Ela me dá um pequeno abraço e se levanta. “É melhor eu ir. Boa noite, Senhorita Ryder.”

“Boa noite, Rose”, eu sussurro.

Depois que ela sai, eu me troco.

Visto uma roupa de dormir, de seda, e vou para a cama.

Capítulo Nove

Pesadelos me assombraram na noite passada.

Em um deles, eu sou uma pomba. Estou presa em um poço fundo e não posso voar. Há cobras deslizando ao meu redor e chegando mais perto e mais perto...

De repente, volto a ser eu mesma.

Estou de pé sobre o balcão na cozinha.
Há uma enorme faca de açougueiro na
minha mão. A lâmina está embebida de
sangue bem vermelho. Olho para baixo,
esperando encontrar o pássaro—, mas
em vez do pássaro, vejo Stonehart. Eu
arranquei a cabeça dele do corpo.
Morto, com os olhos brilhando para
mim, cheios de acusação...

Eu largo a faca e grito.

Estou de volta ao apartamento da minha mãe e sou uma adolescente. Terei aula no dia seguinte, mas não consigo dormir. Mamãe e o último namorado dela estão no outro cômodo, com a TV ligada no último volume. A voz do novo âncora penetra as paredes finas como papel.

Eu sei que eles não estão assistindo TV. Mamãe sempre aumenta o volume

quando eles estão fazendo sexo, como um aviso para eu não interromper.

Eu viro para o lado e ponho o travesseiro na cabeça. Vou ter um teste difícil de Química, amanhã, e não vou dormir nem um pouquinho...

Estou sozinha nesse apartamento deteriorado, que mal posso pagar. É primavera do meu último ano do colégio.

Olho para a coleção de cartas na minha frente. *Respostas das solicitações de admissão*. Finalmente, o resultado de parte da minha vida toda está olhando para mim.

E eu estive sentada lá, tomada pelo pior tipo de antecipação nervosa, olhando para aqueles papéis por horas a fio.

A maioria dos envelopes é pequena.

São os das rejeições, tenho certeza. Mas há um grande, um envelope pesado de Yale...

Estou andando pelo campus no meu primeiro dia em New Haven. Ainda estou surpresa com o descrédito de que estou mesmo aqui. Eu estou *aqui* de verdade.

Os edifícios são todos tão bonitos. A arquitetura é maravilhosa. Prometi a

mim mesma que vou aproveitar cada momento que eu tenho fora pelos próximos quatro anos.

Um pingo de chuva grande pousa no meu nariz. Eu olho para cima—e de repente estou sendo bombardeada por centenas deles. Eu grito meio delirante e meio entusiasmada, e corro para um enorme salgueiro, onde a grama ainda está seca.

Eu chego lá e encontro duas outras garotas que tiveram a mesma ideia de buscar abrigo.

“Isso é que são umas boas-vindas do caralho”, diz uma delas. Ela é muito bonita, com cabelos longos, lisos e pretos, e pele morena escura. “Vocês duas são calouras?”

“Sim”, eu respondo em uníssono com a outra garota. Ela é bonita também,

mas de um modo mais suave e discreto.

“Ótimo”, diz a primeira. “Eu também. Eu sou Fey.”

“Sonja”, diz a segunda garota.

“Eu sou Li—”, começo a dizer, mas sou interrompida por um grande galho de salgueiro que cai e se enrosca em volta do meu corpo.

Abro a boca para gritar. Outro galho é empurrado contra a minha garganta, me

impedindo de respirar—

Eu recobro a consciência e vejo a mim mesma gritando e lutando. Por um momento, ainda estou presa naquele sonho. Os galhos estão apertados em volta do meu corpo e não posso me mover. Não posso me mover...

Quando a realidade se torna evidente para mim, eu desejo que nunca tivesse despertado.

Não estou só. Stonehart está aqui comigo. Eu posso ver sua sombra pairando sobre mim no escuro.

Meus pulsos estão presos na cama ao meu redor. Há uma mordaca na minha boca. Eu tento falar, mas apenas consigo produzir sons abafados.

“Você está desperta”, Stonehart comenta. Ele parece vagamente divertido. “Você estava se mexendo

muito durante o sono. Eu estava com medo de que machucasse a si mesma.”

Ele passa o dedo por todo o meu braço e aperta a correia que segura o meu pulso. “Eu achei que isso ajudaria a mantê-la a salvo.”

Meus olhos se arregalam em um misto de medo e indignação. Ele vem aqui enquanto eu durmo e, então, me amordaça e me prende?

“Claro”, ele continua, com os olhos brilhando da forma mais cruel, “não posso fingir que tive todo esse trabalho em seu benefício.”

Ele tira algo do bolso de sua jaqueta. Medo e indignação se transformam em violento pânico quando capto o brilho de uma lâmina de prata.

Eu luto contra as amarras, mas isso é tão inútil como era no meu sonho.

Meus tornozelos estão atados, também, e é assim que me encontro, nessa posição, esticada, completamente à mercê dele.

Ele se levanta e caminha em frente à cama. Em um rápido movimento, ele joga os lençóis no chão.

Oh, Deus. Oh, Deus. Oh, Deus.

Eu me sinto como se estivesse em repouso no altar, pronta para ser sacrificada. Não posso mover meus

braços e pernas. A única coisa sobre a qual ainda tenho controle é a minha cabeça.

Nunca me senti exposta como me sinto agora. Tão vulnerável. A única coisa que tenho é minha frágil roupa de dormir.

Eu assisto a Stonehart com os olhos arregalados de medo. Ele gira a lâmina em suas mãos.

Por que ele tem a faca? O que ele vai fazer com isso?

Meus pensamentos estão frenéticos. O terror crescente me faz lutar contra as amarras, num esforço inútil de me libertar.

“Guarde a sua força”, Stonehart debocha. “Eu só vou deixar você ir, Lilly, quando eu terminar com você”, ele chega perto. “Mas nós temos horas de

brincadeira sobrando.”

Ele começa dando passos lentos em volta da cama. “Sabe, Lilly, eu estive pensando muito sobre o que aconteceu hoje mais cedo. E cheguei a uma conclusão...”, ele caminha atrás de mim e longe da minha vista, “... que você simplesmente não pode ser confiável.”

Meu peito balança com soluços rápidos e agudos, quando sinto Stonehart

pairando bem atrás da minha cabeça. Eu vejo a faca pendendo na frente dos meus olhos. Adrenalina está se espalhando pelo meu corpo. Eu me sinto completamente indefesa.

Stonehart traz os seus lábios aos meus ouvidos. Sua barbicha fina raspa contra a minha pele. “E então eu penso: o que eu fiz para merecer tal deslealdade?”

Eu me inclino de medo, mas

Stonehart pega o meu queixo com a mão que está livre e continua a me forçar. A faca se afunda para pressionar no meu esterno, perigosamente perto de arrancar sangue.

“Eu não poderia chegar a uma resposta satisfatória.”

Ele move a parte cega da faca na minha garganta. Eu paro de lutar

imediatamente.

“Ah”, ele diz. “Agora você está aprendendo.”

A lâmina desaparece. Eu suspiro de alívio. O indulto dura apenas um momento e Stonehart aparece à minha esquerda e pula em cima da cama.

Ele desenha com a faca uma linha fictícia na minha mandíbula. “Você sabe”, ele diz, enquanto eu faço tudo o

que está ao meu alcance para *não* me mover, “que eu ainda não menti para você. Você é realmente muito bonita”. A faca desce para o vão do meu pescoço. “E eu adoraria levar você comigo ao baile de gala no fim do mês. Infelizmente...”, ele estala a língua, “...isso exigiria certo grau de confiança entre nós, que atualmente nos falta.”

Ele tira a faca e começa a acariciar a lâmina com os dedos. “Sendo assim,

eu pensei que esse pequeno exercício...
deve nos ajudar... a lidar com alguns de
nossos problemas.”

Subitamente, ele pula sobre mim. Eu
redobro meus esforços para me livrar.
Mas com o peso do corpo dele
esmagando o meu, estou mais presa do
que nunca.

Eu começo a gritar. A mordada em
minha boca sufoca cada grito.

“Oh, calma, calma, Lilly. Silêncio, silêncio”, ele diz, acariciando minha bochecha. “Só vou machucar você... um pouquinho.”

Ele leva a faca aos seus lábios e dá pequenos toques, enquanto pensa.

“Agora, vamos ver... O que vem primeiro?” “Ah”, ele levanta a sobrancelha, “eu sei.”

A faca se move rápido e a ponta vai

direto para a minha garganta. Eu fecho os olhos e grito através da mordada, esperando pela facada dolorosa. Eu vou morrer. Eu sei que vou morrer—

Eu sinto uma pequena pontada contra a minha pele. Abro os olhos e, tremendo, olho para baixo.

Stonehart está segurando a faca contra a carne macia sobre a minha clavícula. Ele não está pressionando

forte o suficiente para arrancar sangue.

“Você está assustada?”, ele sussurra. “Você não deveria temer. Não ainda. Eu só vou fazer... *isso*.”

Ele desliza a faca sobre a minha pele. A borda afiada rasga o corpete da minha roupa. Ele corta o tecido e abre todo o caminho até a minha barriga, e então joga as duas peças para o lado.

O ar frio brota instantaneamente

sobre os meus seios. Arrepios se rompem sobre a minha barriga.

“Ah”, ele diz, segurando a lâmina entre os meus seios. “Isso é muito melhor”. Seus olhos selvagens consomem minha carne.

Minha respiração está curta e rasa. Eu tento me manter assim para evitar que o meu peito se mova. Sinto a ponta da foca se afundando na minha pele. Só

um pouquinho mais de pressão e estou certa de que o sangue será arrancado.

“Veja só, Lilly”, Stonehart diz, girando a faca para lá e para cá, “há uma coisa que acho que você se esqueceu”, ele ri. “Claro, a culpa é inteiramente minha por eu não tê-la lembrado disso com mais frequência.”

“Aqui está: eu possuo você. E, por suposto, tudo o que eu quero fazer com

você... eu posso.”

Eu grito de pavor, através da mordada, quando ele move a faca com rapidez e pressiona a borda plana contra o meu pescoço. Eu luto para afastar o terror frio que cresce em mim.

Ele olha nos meus olhos como se sentisse dó de mim. “É uma pena”, ele diz, “que nós não tenhamos nos conhecido mediante circunstâncias mais

favoráveis. Você merece ser adorada como um santo no altar. Eu a teria adorado, Lilly, se você fosse qualquer outra pessoa”. Ele desliza a faca contra a minha pele e, em seguida, para um lado e para outro do meu rosto, como se fosse uma lâmina de barbear. “Mas, infelizmente. Você sabe como é. Às vezes, a vida foge ao nosso controle.”

De forma súbita, ele move a faca novamente, agarra o meu pescoço com a

outra mão e força a boca sobre a minha
em um violento e abusivo beijo.

Meus lábios estão inchados quando
ele me deixa. Eu tento respirar.

“Mais uma coisa, Lilly”, ele diz,
tirando um lenço preto do bolso. “Você
pode me ver. Não gosto disso. A
primeira coisa que vou ensinar a você
esta noite...”, ele coloca o pano sobre
os meus olhos e o amarra atrás da minha

cabeça. O tipo de medo mais aterrador
toma conta de mim à medida que todas
as minhas forças vitais estão indo
embora. “... É como você se submeter a
mim. A maneira como você deve
realmente fazer.”

Eu o sinto passar por cima de mim.
E o ouço desafivelar o cinto.

“E agora, Lilly” – ele sussurra bem
no meu ouvido, com a faca de volta,

correndo embaixo dos meus seios –, “eu vou possuir você.”

Fim

Não quer perder o lançamento dos próximos títulos da série? Assine a **minha lista de e-mails** (<http://eepurl.com/z-Lgv>) e seja a primeira pessoa a conhecer os meus novos livros.

Clique neste link para assinar a
minha lista de e-mails

(<http://eepurl.com/z-Lgv>)

Quer saber mais sobre *Descobrimdo Você?*

Se você não consegue tirar a história de Lilly e Jeremy da sua cabeça, venha se juntar a outros leitores (e a mim!) na minha página no Facebook (em

Inglês):

www.facebook.com/ScarlettEdward

Eu posto *teasers*, trechos de livros, fotos e várias outras coisas divertidas.

Nós estamos construindo uma comunidade ativa dos fãs de

Descobrimo Você. Então, junte-se a nós! É o melhor lugar para se corresponder diretamente comigo.

Espero ver você lá,

Scarlett.